

DESPORTO, SOCIEDADE E TERRITÓRIO: O FUTEBOL NA REGIÃO CENTRO

Rui Jacinto*
Paula Malta**

RESUMO

O futebol, um dos fenómenos mais marcantes e controversos das sociedades modernas, tem sido objecto de crescente atenção em estudos académicos pela importância que encerra e dimensões de que se reveste (espacial, económica, social, política e cultural).

Com este artigo pretende-se complementar análises que vêm sendo efectuadas, através duma leitura dos efeitos geográficos que acompanham esta modalidade desportiva, segundo três orientações fundamentais:

- i) o desporto como uma das formas privilegiadas de ocupação do tempo-livre nas sociedades modernas;
- ii) a difusão territorial do futebol, tanto à escala nacional como ilustrada a partir do caso da Região Centro;
- iii) a análise dos padrões de distribuição espacial da actividade futebolística na Região Centro e o correlacionamento com níveis de desenvolvimento económico e social regionais.

RÉSUMÉ

Le football, un des phénomènes les plus marquants et discutés des sociétés modernes, est devenu l'objet d'une attention croissante dans les études scientifiques par l'importance qui renferme et les dimensions spatiale, économique, sociale, politique et culturelle qu'il recouvre.

Avec cet essai on veut compléter des analyses qui viennent d'être effectuées, à travers d'une lecture des effets géographiques que cette pratique sportive, selon trois orientations fondamentales:

- i) le sport étant qu'une des formes privilégiées d'occupation du temps libre dans les sociétés modernes;
- ii) la diffusion territoriale du football, soit à l'échelle nationale soit illustrée à travers de l'étude de la Région Centre;
- iii) l'analyse des modèles de distribution spatiale du football dans la Région Centre et la corrélation avec les niveaux de développement régionaux économique et social.

ABSTRACT

Football, one of the most striking and controversial phenomena of modern societies has been object of increasing attention in academic studies because of the importance of the spatial, economic, social, political and cultural dimensions that it comprises.

The aim of this article is to complement the analyses already carried out by a reading of the geographic effects that this sports modality causes, according to three fundamental orientations:

- i) sports as one of the privileged forms of the occupation of free time in modern societies;
- ii) the territorial diffusion of football, as much on a national scale as illustrated from the case study of Central Region;
- iii) the analysis of the patterns of spacial distribution of football in Central Region and the correlation with levels of regional economic and social development.

* Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

** Comissão de Coordenação da Região Centro

“De todos os acontecimentos da história humana, aquele que atraiu maior audiência não foi um grande momento político nem a celebração especial de um feito extraordinário nas artes ou nas ciências, mas um simples jogo de bola - um desafio de futebol. Num dia de Junho de 1978, mais de mil milhões de pessoas viram a final da Taça do Mundo entre a Argentina e a Holanda. Quer isto dizer que qualquer coisa como um quarto da população mundial interrompeu o que estava a fazer e centrou a sua atenção num pequeno rectângulo de relva na América do Sul, onde vinte e duas figuras, envergando roupas vistosas, passaram noventa minutos a pontapear uma bola, num delírio de esforço e concentração.” (Desmond Morris, *A Tribo do Futebol*, 1981, p. 7)

1. INTRODUÇÃO

As sociedades modernas são cada vez mais marcadas pelo lazer, assumindo o desporto, neste quadro, uma das suas facetas mais expressivas. De entre as diferentes modalidades, o futebol ocupa uma posição central, devido ao facto de ter aumentado a sua presença no nosso quotidiano e da sua importância (económica, social e territorial) ter registado um crescimento continuado. Por estes motivos, pode ser considerado um dos fenómenos mais marcantes e controversos da civilização moderna, ocupando um lugar privilegiado na ocupação do tempo-livre.

Os desportos organizados e, em particular o futebol, são espaciais por natureza e constituem importantes factores de criação de identidade territorial, procurando os clubes defender e expandir a sua influência para o território dos opositores que percebem como a sua zona de ataque (ROONEY, 1978, p. 127). Entre os adeptos e a sua equipa de futebol estabelece-se uma forte relação de projecção-identificação que se transforma em objecto de orgulho (nacional, regional ou local); “há sempre uma forte identificação da equipa de futebol com a comunidade local, uma vitória no estádio equivale a uma vitória da cidade” (MORRIS, 1981, p. 20).

O território, enquanto produto social, é um espaço de inscrição de poderes e de representações simbólicas, adquirindo o futebol, por esta via, “o valor de símbolo do território que cada indivíduo apropria - do lugar, ao município, à província e ao país. Os desafios aparecem, sobretudo para o público, como embates de afirmação de posse ou consolidação dos direitos sobre esse território; no fundo, representam a permanente defesa de uma pátria” (GASPAR, 1982, p. 303).

O futebol “é praticado, visto e discutido acaloradamente (e às vezes, até, de modo inteligente) por uma parte substancial da população” (ROONEY, 1978, p. 129), cobrindo de forma organizada todo o país e, como seria de esperar, apresentando uma desigual implantação geográfica. Por outro lado, é também um dos mais vivos elementos relacionais - poucos contactos, confrontos e permutas locais, nacionais e internacionais provocam nas massas tanta ressonância como um encontro de futebol - tornando-o um indicador que permite evidenciar formas de interacção espacial.

Uma prática de tal importância social e económica e com traduções espaciais tão evidentes merece ser estudada

por direito próprio; “não é mais necessário justificar uma geografia do desporto: ela justifica-se por si mesma” (BALE, 1980, p. 105).

A complexidade e o carácter globalizante do fenómeno social que anda associado ao objecto deste estudo, exigiria análises sob múltiplas perspectivas com recurso a contributos cognitivos e metodológicos provenientes de outros discursos científicos. A sua compreensão deve transcender a “velha” concepção dos estudos interdisciplinares, como somatório das diferentes abordagens parcelares e fragmentárias e, portanto, reducionistas mas fundamentar-se numa convergência de análises temáticas, recuperando-se, assim, a visão social como um todo.

A ilustração da temática que abordamos baseou-se numa investigação a partir da informação documental disponível: referências bibliográficas de natureza diversa, informações estatísticas, além de outras fontes possíveis de fornecer dados complementares; boa parte dos levantamentos efectuados tiveram como suporte a imprensa desportiva de âmbito nacional e regional. Refira-se que o estudo trata apenas do futebol sénior federado, excluindo-se outras formas sob as quais o futebol se pratica, designadamente, o escolar, o amador, etc.

Sendo o futebol um facto social, verificámos que algumas das relações detectadas não se manifestam segundo uma linearidade simplista mas sim por causalidades mais profundas, consequências de uma associação por vezes bastante diluída de interferências. Este ensaio pretende complementar outras análises já efectuadas (GASPAR, etc.), onde são ressaltadas as múltiplas e variadas implicações sociais, económicas, culturais e espaciais desta modalidade desportiva. Pretendemos, assim, indagar certos aspectos relativos à dimensão geográfica do futebol, como a sua difusão que analisamos, primeiramente, à escala nacional, para depois a pesquisarmos na Região Centro.

2. O DESPORTO NAS SOCIEDADES MODERNAS: DO ÓCIO AO NEGÓCIO

Apesar da importância que o fenómeno desportivo tem nas sociedades modernas verificamos que os académicos só recentemente lhe têm dedicado alguma atenção. Esta situação deriva do facto de não serem poucos os que

julgam o desporto, tal como foi o sector dos serviços no passado, uma actividade subsidiária não produtiva e, portanto, parasitária, estado de espírito que está também inerente, numa primeira aproximação, a velha dualidade mente-corpo, logos-praxis. A aceitação deste dualismo metafísico que durante séculos reinou sobre a problemática da produção do conhecimento, conduziu a uma crescente valorização das “coisas” do espírito com a correlativa depreciação das actividades do corpo. Deste modo, sendo o desporto uma forma de expressão corporal e cultural - apesar da cultura ser considerada “o complexo unitário que inclui o conhecimento, a crença, a arte, a moral, as leis e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” - sempre foi difícil a esta aceitar o adjectivo de física (MCINTOSH, 1974, p. 9).

Nos dias que passam, o que consideramos ser a resistência dos intelectuais ao desporto, encontra também as suas raízes em manifestações controversas indissociáveis da psicose do desporto moderno: a conversão do desporto num fenómeno de massas, arrastando e impondo no desporto as regras do mais forte, a busca do *record* por qualquer preço, a comercialização excessiva do fenómeno desportivo, a idolatria do campeão e a violência, carregam uma valoração negativa de dignidade duvidosa.

É evidente que parte do discurso sobre o fenómeno desportivo se adapta ao futebol. Enquanto fenómeno desportivo particular as dimensões e expressões económicas, sociais, políticas e simbólicas de que se reveste conferem-lhe um carácter multifacetado, com repercussões e ramificações difíceis de estimar. Na verdade, o futebol está imbuído duma dinâmica mutante, afirmando-se como uma estrutura complexa resultante do jogo dialéctico que estabelece com a sociedade. Neste contexto, tecido por uma trama de influências tão diversas, importa aflorar a complexidade de forças subjacentes ao fenómeno desportivo na sociedade actual.

2.1. Tempo livre, lazer e desporto

Confundir o século XX com o século do desporto como o faz MAURIAC, é reconhecer a expressão e a dimensão que este fenómeno assume na actualidade. O desporto existe, sob uma ou outra forma, fruto de uma prática e do uso do tempo sob um modo particular, podendo representar uma das ocupações do tempo livre. Deste modo, o primeiro só pode ser concebido em relação ao segundo e, tentar compreender a evolução e a importância do desporto nas sociedades actuais é acompanhar o processo evolutivo do modo como tem sido utilizado o tempo livre pelas diferentes sociedades, uma vez que “as formas de uso dos tempos livres e as práticas dos ócios”, de que o desporto é uma ilustração, “variaram no decorrer dos séculos valorizados em função de vários factores, ajustando-se à estrutura social que os produzia” (GAMA, 1988, p. 206). Nesta perspectiva, o conceito de tempo livre e, concomitantemente, o de desporto ganham maior relevo e expressão nas sociedades urbano-industriais contemporâneas.

A evolução das relações de produção ao longo da história da Humanidade tem condicionado toda a vida social e, em especial, o lazer humano, dado que estes dois elementos - trabalho e lazer - são recorrentes; não só se condicionam reciprocamente, como a relação posta em evidência é muito mais estreita: a existência de um implica a existência do outro. Nas sociedades primitivas, o desporto, no sentido exacto do termo, era desconhecido. A par das actividades produtivas que lhe garantiam a sobrevivência, o homem dedicava-se a distrações e divertimentos sob a forma de representações simultaneamente de carácter físico, simbólico e religioso. É em tais representações que encontramos a génese do lazer e do jogo pelo homem.

O jogo é um elemento essencial da condição humana; em *Homo Ludens*, HULZINGA defende que “o jogo genuíno, puro é uma das bases principais da civilização”, um “fenómeno existencial de base”, directamente relacionado com a essência profunda do “homem lúdico”, mas afirma também que jogo não se identifica com desporto, o jogo é, isso sim, um ingrediente valioso do desporto¹. Pelos elementos comuns que encontramos em ambas as práticas torna-se tarefa difícil separar nitidamente o jogo do desporto. Contudo, não podemos querer ver estes jogos da humanidade primitiva como “exercícios praticados devido ao gosto pelos movimentos harmoniosos ou salutareos. Foi preciso intervirem factores de evolução social para que essa transformação fosse possível” (DUMAZEDIER, BAQUET, 1980, p. 24).

O progresso das técnicas, a divisão do trabalho e, conseqüentemente, a estratificação das sociedades levam ao aparecimento de novos modos de produção e de novas formas de organização social. Ao que se designa por “desporto antigo” atribui-se uma origem guerreira e aristocrática. Foi o tempo livre de que gozava esta classe que lhe permitiu desenvolver uma cultura própria assente na música, poesia, filosofia, teatro e na cultura física. A actividade física, como as demais práticas de ócio, tornam-se verdadeiros modos de vida para as classes nobre e dirigente. Ao mesmo tempo, estes jogos físicos estão ligados a festas nacionais e religiosas; “a preparação dos jogos atléticos, que faziam parte do ritual dos diversos santuários, levou os gregos a imaginar e a utilizar certos métodos de melhoramento físico e de treino que assegurassem o êxito das suas cidades nessas grandes manifestações populares. O jogo torna-se desporto, desporto ensinado, desporto regulamentado, desporto educativo” (DUMAZEDIER, BAQUET, 1980, p. 25). Todavia, o desporto era visto, também, como uma preparação indirecta para a guerra.

A era da maquinofactura, iniciada com a Revolução Industrial no início do séc. XVII, não teve como efeito

¹ Sob este aspecto é elucidativa a definição de desporto assumida pela UNESCO: “toda a actividade física com o carácter de jogo que toma a forma de uma luta consigo mesmo ou duma competição com os outros, é um desporto” (*Manifesto Sobre o Desporto*).

imediatamente a redução do número de horas de trabalho. A conquista gradual do direito ao descanso e ao lazer foi acompanhada por um desenvolvimento correlativo das práticas desportivas: “porque o operário tem agora tempo seu, tempo do qual pode dispor, horas quotidianas ou semanais de liberdade, que ele começa a frequentar os estádios que, na segunda metade do século XIX e durante os primeiros anos do século XX, eram reservados aos alunos do ensino secundário e superior, aos filhos da burguesia e da classe possidente” (*ob. cit.*).

Desde o começo do século XIX que a aristocracia e a burguesia endinheirada inglesa se reuniam em clubes para praticar as armas, o cricket, a corrida a pé, vendo a actividade desportiva como satisfação das suas necessidades lúdicas. Ao mesmo tempo, estas formas de lazer, bem como os jogos de bola populares, atraem e entusiasma os estudantes. Sob a acção determinante do reverendo Thomas Arnold, director do Colégio de Rugby, as actividades físicas são incluídas nos programas escolares, envolvendo o desporto numa nova concepção de educação. “A ele se deve a ideia fecunda de que o desporto ou certos desportos - convenientemente dirigidos e praticados desde a mais tenra idade - contribuem para inculcar nas crianças e nos adolescentes hábitos de disciplina, de tenacidade, de solidariedade, de sangue-frio e de energia, que se tornam elementos permanentes do seu comportamento no decurso da vida” (*ob. cit.*). Este clérigo estabelece regras e formas precisas de organização para as associações desportivas - os clubes universitários - e confia a sua gestão aos alunos que passam também a estar encarregues de organizar competições inter-clubes e inter-estabelecimentos de ensino, além de se responsabilizarem pelo seu próprio treino.

Este movimento conhece um grande sucesso nas universidades assim como no seio das classes dirigentes ficando, porém, estes ensinamentos restringidos a uma fracção da sociedade inglesa. Formam-se, entretanto, alguns clubes de operários e, imediatamente, as contradições entre desporto-lazer das classes superiores e desporto-lazer dos operários começam a despoletar. Clubes de rugby com praticantes operários reclamam o reconhecimento das horas de trabalho perdidas e o reembolso das despesas de deslocação. Tal pretensão é rejeitada e a federação de rugby cinde-se em duas: a federação de rugby de 15, amadora, e a federação de rugby de 13, semi-profissional. Face a esta situação, a aristocracia e a alta burguesia reservam para si a vertente desporto-lazer, desporto-educativo, desporto-amador enquanto a segunda via, o desporto-profissional, ao mesmo tempo espectáculo e fonte de receitas, fica reservada para a classe operária. Esta bipolarização obriga os clubes de trabalhadores ao profissionalismo integral negando-lhes, na prática, o desporto como actividade de lazer. A Inglaterra burguesa desenvolveu um modelo desportivo com duas facetas bem definidas e que acabou por vingar: por um lado, uma prática de ócio da aristocracia e da alta burguesia e um meio de educação social do seus filhos e, por outro, um trabalho para numerosos profissionais.

O processo produtivo posto em marcha pelas sociedades industrial e pós-industrial, assente em modos de produção taylorista ganhou, definitivamente, o carácter de um processo colectivo, conduzindo a uma segmentação e organização das tarefas, cujos traços dominantes são a rotinização, a eliminação da actividade criadora do homem e a separação cada vez mais rígida entre trabalho manual e trabalho intelectual. Uma das razões fundamentais do extraordinário desenvolvimento dos tempos livres inscreve-se na linha de importância que a função de recuperação adquiriu na vida moderna, necessidade nova que resulta da natureza do trabalho em que “as fadigas da vida moderna tornam indispensáveis o divertimento, a distração, o descanso” (LEFÈBVRE, 1968, p. 103). Se durante muito tempo, e ainda no presente século, o tempo livre das classes trabalhadoras foi visto, apenas, como o tempo necessário para a reprodução da força de trabalho, tal entendimento encontra-se hoje ultrapassado. O desporto constitui nas sociedades modernas, “um espaço compensatório das tendências à rotinização do quotidiano, construído pelos actores no decurso de estratégias visando a expressão de ‘emoções fortes’ - a busca da excitação. Aquelas tendências, imputadas às dimensões especificadas da modernidade nos planos tecnológico e civilizacional, seriam deste modo permanentemente contraditadas. O desporto moderno, em particular o desporto espectáculo, constitui-se como um reduto viável para a *explosão de emoções*, abafadas num dia a dia regulado pela emergência de um autodomínio que impõe civilizados usos e costumes” (BAPTISTA & PIRES, 1989, p. 12).

Associado ao aumento dos tempos livres, surgiu o mito da civilização dos lazes, prefigurando-se o desporto como forma privilegiada de ocupação destes “tempos”. Mas, o lazer tem implícita a disponibilidade de tempo e dinheiro. Este tempo crescente da vida do homem adquire valor e transforma-se em mercado onde se vende um qualquer produto como o espectáculo desportivo. Como acentua LEFÈBVRE, o capitalismo “criou uma indústria nova, uma das mais poderosas: a indústria do ócio” (GAMA, 1988, p. 207). Deste modo, se o vocábulo latino *negotium* representa a trepidante agitação do quotidiano, o tempo cronométrico do trabalho, o *otium*, mais do que podendo contribuir para reproduzir a força de trabalho, é sinónimo de tempo disponível para o mundo dos possíveis: novas formas de descanso, de divertimento, isto é, de consumo.

Neste quadro de referência, o desporto moderno surge com um duplo e ambivalente significado: uma prática de lazer privilegiada e um negócio que movimenta influências, interesses e milhões.

2.2. Desporto, ócio e negócio

O desporto espectáculo tem uma capacidade prodigiosa de mobilizar efectivos humanos: mais do que o número de praticantes, aliás relativamente reduzido, exerce um poder mobilizador sobre as massas, tornando-as actores e

participantes activos na contenda galvanizando-as para manifestações e práticas que são, em certos casos, marginais levadas a cabo por minorias excessivamente activas. Analisado sob outro ângulo, o desporto-espectáculo corporiza-se como um fenómeno que reproduz e reforça alguns dos seus traços fundamentais: nas sociedades contemporâneas desenvolvidas o desporto apresenta “uma singularidade cujos traços podem ser referenciados às dimensões estruturais da modernidade, em particular a alguns modos de especificação dos sistemas de regras estruturantes dos complexos institucionais do capitalismo, do industrialismo e do Estado-Nação” (BAPTISTA e PIRES, 1989, p. 16). Coordenadas como produtividade, rendimento e lucro são aspectos presentes e justificativos do êxito do espectáculo desportivo como típico da civilização industrial na medida em que, sob várias facetas, incorpora a lógica desta civilização. Nesta perspectiva, a modalidade desportiva com maiores índices de penetração e fidelidade em todo o mundo, enquanto “desporto colectivo e jogado com os pés, rigorosamente regulamentado e espectacularmente competitivo, o futebol tem por si todas as condições para triunfar na sociedade actual, programada, concorrencial, multitudinária, agressiva” (SERGIO, 1981).

O futebol assume múltiplas facetas: desde pequenos encontros ocasionais que poucos presenciam e com impacto exclusivamente local, até ao que enche os estádios aos domingos, as páginas dos jornais, os noticiários radiofónicos e televisivos, do qual terão de se ocupar forçosamente se não quiserem perder audiência, que é tema de conversa semanal, de disputas, de orgulho nacional, enfim, o futebol-espectáculo. O tempo e o espaço de ócio transformaram-se em tempos e espaços de consumo; em torno dos lazeres e das práticas desportivas criou-se uma complexa teia mercantil. O espectáculo futebolístico é visto como mercadoria que se paga para ser exibido e destinado a dar lucros. No mundo do futebol esta exploração mercantil toma a forma de uma gigantesca indústria em que os clubes não são mais do que empresas e os jogadores são meros funcionários. Deste modo, o futebol introduziu-se no circuito com um produto que necessita de ser vendido e consumido e em cujo processo são incorporados factores materiais (equipamentos, transportes, etc) e imateriais (tráfico de influências, árbitros, jogo mediático, etc).

Sob o ponto de vista psicossociológico, uma das funções do futebol é a de evasão-compensação. Enquanto espectáculo desportivo e ocupando um lugar cimeiro entre as diferentes modalidades, preenche outras funções sociais de extraordinário significado, simbólicas nuns casos e de socialização noutros, constituindo elemento e prolongamento de relações sociais. Um espectáculo desportivo, um encontro de futebol, formam uma ocasião ímpar de participação e interacção social, surgindo os clubes de futebol como poderosos instrumentos de socialização: “tanto a nível internacional como nacional, o futebol representa um veículo de comunicação e um

espaço de diálogo”, conferindo uma nova dimensão às relações sociais (GASPAR, 1982, p. 302).

Por outro lado, o futebol assume-se como um fenómeno interclassista. Se relativamente a alguns desportos é possível demonstrar a existência duma certa correspondência entre algumas práticas desportivas e classes sociais específicas (equitação e aristocracia, golfe e tennis e burguesia, ciclismo e boxe e classes operárias), no que diz respeito ao futebol tal catalogação, podendo existir no passado, é hoje menos evidente. Embora o futebol tenha encontrado, numa primeira fase, grande aceitação no seio das classes operárias, ele é actualmente um fenómeno em que um dos traços fundamentais é o seu carácter interclassista, no sentido em que nele participam activa ou passivamente todas as classes sociais: o espectáculo futebolístico é um momento de convivência de classes pois “num estádio de futebol, o coração do rico e do pobre bate em unísono” (BENACH, 1974, p. 23).

O futebol espectáculo revela-se ainda como um factor de mobilidade social, um caminho de ascensão social. Boa parte dos jogadores de futebol provém de estratos sociais mais baixos, conferindo a esses profissionais uma certa posição económica e, paralelamente, o reconhecimento público e a elevação do seu *status* social. “Um indivíduo impreparado profissionalmente e de cultura bastante rudimentar, encontra no futebol talvez a única maneira de poder ascender à contemplação geral, bastando para isso ter a sorte pelo seu lado e um certo nível de aptidões, aproveitadas posteriormente” (SILVA *et al.*, 1974, p. 8). Sobre esta questão, algumas investigações efectuadas sobre cristalização de classes e integração no desporto (GÜNTHER LÜSCHEN, 1986) concluíram que indivíduos de baixa cristalização tendem a procurar actividades como as desportivas que lhes permitam alcançar posições proeminentes, actividades estas que, pelas suas características, representam o meio ideal para a realização de tal mobilidade social ascensional. Deste modo, indivíduos pouco cristalizados participam, em geral no desporto e denotam motivação para o praticarem a alto nível, revelando-se tais participações e as boas performances alcançadas um meio de compensar a sua proveniência social.

3. HISTÓRIA DO FUTEBOL: A SUA INTRODUÇÃO E DIFUSÃO EM PORTUGAL

3.1 Breve nota sobre a história do futebol

O futebol é, na actualidade, a modalidade desportiva de maior impacto na generalidade dos países². A sua

² Os E.U.A. é dos poucos a fugir a esta regra, não o adoptando com o mesmo entusiasmo; a situação tende, no entanto, a modificar-se, como o demonstra o facto de se terem candidatado à realização do Campeonato do Mundo de 1994. O futebol,

história é tão movimentada como o próprio jogo, pois a “bola andou muito e voou de continente em continente antes que o futebol se tornasse no desporto favorito dos europeus e dos sul-americanos e conquistasse milhões de adeptos” (LAVALL, 1984, p. 9). O local onde o jogo surgiu pela primeira vez, permanece ainda desconhecido, apesar das vastas referências bibliográficas sobre o assunto. Regulamentarmente o futebol é, no entanto, um desporto inglês.

Se considerarmos como seu antepassado o jogo colectivo que utiliza a bola redonda e cujo objectivo consiste na sua disputa entre duas equipas procurando cada uma levá-la em sentido oposto, então as suas origens são remotas e aprofundam-se no tempo, encontrando-se raízes dispersas pelos mais antigos povos do mundo. Assim, o estabelecimento da data precisa do nascimento do futebol não é tarefa fácil; pode, contudo, adiantar-se que, geograficamente, a China, o Japão, a Grécia de Péricles, a Roma Imperial, as ilhas Britânicas e a terra brasileira são talvez os principais lugares onde se desenvolveram e desenvolveram os primeiros encontros à volta de uma bola redonda. Certos autores defendem que o uso da bola e o aparecimento de jogos de bola são uma característica sintomática de povos evoluídos, constituindo mesmo um critério de diferenciação relativamente aos povos mais atrasados. DUMAZEDIER (1980, p. 26) sustenta que o jogo da bola teria sido introduzido numa das mais florescentes civilizações do mundo, a civilização helénica, frisando que “a bola foi sempre desconhecida dos povos que não se elevaram na escala dos seres; e foram os ocidentais, quer dizer, os povos mais rapidamente evoluídos, que ensinaram o uso da esfera como instrumento de jogo aos povos mais atrasados”.

Todavia, o estudo das antigas obras literárias da China mostra que o jogo da bola - o *Tsu-Chu* - era já praticado no Celeste Império muito antes do despertar das civilizações ocidentais. O treino militar (historicamente, uma das

em tempos um desporto desconhecido nos Estados Unidos, como o baseball o é na Europa, encontra-se actualmente numa fase florescente, tanto como desporto-espectáculo como desporto-prática. As estatísticas comprovam-no: cerca de 8 milhões de indivíduos jogam futebol nos E.U.A. e os números são ainda mais expressivos quando comparados com a idade - do total de 8 milhões de jogadores, aproximadamente 59% tem menos de 13 anos. E como explicar a fraca implantação do futebol nos E.U.A.? O facto de as regras do futebol permanecerem imutáveis, dificultando a introdução de publicidade televisiva durante o encontro, como aconteceu, aliás, com o basquete, pode ser um factor explicativo. Outros autores fundamentam que a forte corrente migratória europeia, não obstante os seus sucessos económicos, nunca conseguiu entrar na estrutura escolar americana, a qual constitui a base da organização desportiva do país. É bom não esquecer que o futebol proporciona, regra geral, resultados pouco volumosos, sendo certo que os desportos americanos típicos atingem “scores” que se situam na casa das dezenas.

componentes essenciais das actividades físicas e desportivas) foi inicialmente a razão de ser de um jogo que se praticava com uma bola redonda e cujo objectivo consistia em lançar a bola para lá de dois postes fixados no solo. Também no Japão se encontram documentos comprovativos da prática do jogo da bola - o *Kemari* - em épocas coevas, apontado como um dos passatempos predilectos da corte há 2.600 anos. Do mesmo modo, na Grécia existia um jogo (*epishiros*) que apresenta relações directas com o futebol e será, talvez, a origem da sua divulgação europeia. Quando em 150 a.C. os romanos ocuparam a Grécia, os legionários interessaram-se pelo jogo, trazendo-o para a península italiana onde é baptizado de *harpastum* e passa a ser praticado nos quartelamentos e acampamentos de campanha. Com as invasões romanas o jogo foi seguindo para novos territórios, nomeadamente para a Gália, deixando uma tradição que viria mais tarde a ser revivida na Normandia e na Bretanha sob a designação de *Soule* ou *Choule*, “atravessando” o Canal da Mancha em 1066 com os Normandos de Guilherme o Conquistador, estabelecendo-se em terras britânicas. Devido à influência exercida pelo Império Romano nos territórios por si conquistados, não é difícil apercebermo-nos da extraordinária difusão que o *harpastum* assumiu no mundo de então.

A chegada do *Soule* ou *Choule* francês a estas ilhas não representa a primeira aparição dum jogo deste tipo nestas terras, pois segundo a opinião dos historiadores ingleses tudo teria começado com um ataque Viking no século VIII na costa inglesa: depois do ataque os ingleses conseguiram matar o chefe inimigo e, para exteriorizarem a sua ira, decapitaram-no e atravessaram toda a aldeia, dando pontapés à cabeça. Nos anos seguintes passou a repetir-se a cerimónia, agora com uma bexiga de porco simbolizando a cabeça do chefe Viking, no que se tornou uma festa e manifestação folclórica (*Hurling over country*).

No século XII o jogo estava em plena voga na Inglaterra. Aqui o jogo alastrou-se e desenvolveu-se, gozando de uma aceitação generalizada; mas tornou-se também extremamente violento, por vezes brutal, o que explica as sucessivas proibições feitas pelos reis (nomeadamente por Eduardo II, em 1314 e Henrique IV, em 1401). Não obstante, quando menos se esperava, o jogo ressurgia com toda a sua ferocidade e consequentes inconvenientes. Para diminuir a violência, começou a limitar-se o campo a um local específico e a reduzir-se o número de intervenientes a dois grupos de poucos elementos, passando a ter o nome de *Hurling at Goals*. Bem longe e muito antes do século XIV, noutro canto do globo, a civilização azteca entusiasmava-se pelo *Tlachtli*, jogo que se praticava com bolas de resina numa ligeireza extrema.

Por volta do século XIV desenvolveu-se outra escola do jogo da bola, noutro ponto do continente europeu, que outros apontam como provável antepassado do futebol contemporâneo: o *cálcio* florentino. Ao contrário da Grã-Bretanha, em que esta modalidade era o divertimento da plebe, na Itália era o desporto favorito e privativo da nobreza.

Mais tarde, em meados do século XIX, na Inglaterra e na Escócia, os jogos de bola populares tornam-se o desporto preferido dos estudantes, formando-se os primeiros clubes que tomam os nomes das respectivas escolas e universidades. O jogo continua, no entanto, sem regras fixas, do que resulta o carácter rudimentar desta prática, na qual a violência prevalece. Contam-se então tantas regras como escolas e os encontros revelam-se, por este facto, impossíveis. Assiste-se, por outro lado, a uma demarcação dos praticantes: opõem-se os adeptos do jogo de mãos (*handling and hacking*) aos adeptos do jogo de pé (*dribbling and passing*).

Em 1863, com a fundação da Football-Association, consegue-se uma unificação dos regulamentos das várias escolas e uma suavização do jogo, mas as pressões dos adeptos das duas variantes são fortíssimas, a cohabitação está condenada ao fracasso e rapidamente se produz a cisão entre os adeptos do Futebol e os do Rugby. É o fim das 'querelas' entre o jogo de mão e o jogo de pé, tomando cada um, nesse momento, as suas formas quase definitivas. A "Football Association" apresenta, na sequência destes acontecimentos, o primeiro código do jogo com nove regras, das quais sobressai o facto da bola passar a ser redonda o que torna o futebol menos violento do que o praticado com bola oval. Pouco tempo depois foram criadas mais catorze regras, algumas das quais continuam a revelar o esforço no sentido da suavização do jogo. Todas as formas de actividade anteriores ao movimento que culminou com a criação da "Football-Association" constituem a fase preambular da história do futebol, apresentando cada qual as suas especificidades próprias. Enfim, o futebol pode não ter nascido na Inglaterra, mas foi aí que atingiu a maturidade e se institucionalizou.

A forma como é conhecido e praticado em todo o mundo apenas sofreu algumas alterações no detalhe, desde 1863. Este jogo, bastante acessível, foi transformado em "artigo de exportação" e espalhado por estudantes, comerciantes e marinheiros ingleses pelos quatro cantos do globo.

Face à expansão internacional do fenómeno futebolístico teria forçosamente que se organizar a sua prática: daí a criação da Federação Mundial de Futebol (FIFA) em 1906, a inclusão do futebol entre as modalidades olímpicas em 1908 e o aparecimento da UEFA em 1957; neste momento, a FIFA agrupa 142 Federações Nacionais (a ONU só foi criada em 1945 e agrupa 154 países), com cerca de 25 milhões de associados, espalhadas por todos os continentes.

3.2 O futebol em Portugal: os primeiros pontapés

O jogo da bola poderá ter surgido espontaneamente - não pretendemos, de modo algum, reclamar a origem do desporto-rei para o nosso país - ou ter chegado a Portugal séculos antes da sua introdução pelos ingleses ou portugueses que mantinham contactos com Inglaterra. No entanto, aquele diz respeito a um jogo praticado segundo uma forma não codificada, e este já é praticado de modo

regulamentado, isto é, segundo a fórmula instituída pelos ingleses.

Embora durante séculos a população portuguesa se possa ter dedicado ao jogo da bola, a aparição do futebol tal como hoje é conhecido e praticado é possível de ser balizada no tempo e no espaço. O futebol surgiu em Portugal nos finais do século XIX em três focos diferentes e, segundo parece, perfeitamente independentes: Funchal, Lisboa e Porto. O primeiro foco nacional poderá ter sido a Ilha da Madeira, em resultado das intensas ligações comerciais que se estabeleciam com a Inglaterra: negociantes ingleses do vinho da Madeira terão organizado alguns encontros para praticarem o futebol entre si. A Ilha da Madeira terá conhecido este desporto em 1873; esta antecedência de quinze anos relativamente ao continente terá pouco significado, já que a sua prática se restringiu a um grupo circunscrito, mantendo-se a população autóctone alheia a este desporto. A simples presença do futebol não foi neste caso sinónimo de adopção. Por outro lado, a prática do futebol circunscreeveu-se ao território da ilha, não tendo sido a partir daqui que a modalidade se difundiu para o continente.

No continente, o futebol teve a sua aparição no ano de 1884, data da chegada da primeira bola, trazida por Guilherme Pinto Basto, estudante em Inglaterra, oriundo de famílias abastadas. Até então, do futebol havia apenas uma ideia pouco precisa, vinda de Inglaterra (F.P.F., 1964, p. 3)³.

Todavia, foi só em 1888 que se realizou no campo da Parada, em Cascais, o primeiro encontro público, ainda que a título de ensaio, por iniciativa do mesmo Guilherme Pinto Basto e de mais dois irmãos seus também regressados de Inglaterra. Os três irmãos foram os grandes dinamizadores da modalidade, difundindo-a no seio da classe aristocrática da época. Tendo aprendido as leis e técnica do jogo, juntaram-se com alguns amigos e o futebol passou a ser o divertimento dos domingos. No ano seguinte teve lugar em Lisboa, no Campo Pequeno, o primeiro jogo de carácter "oficial" em que um grupo de portugueses defrontou um grupo constituído por elementos da colónia inglesa.

A divulgação da modalidade é crescente, o número de jogadores aumenta, os campos multiplicam-se, dia a dia há cada vez mais adeptos. Não existem clubes, os grupos formam-se segundo as preferências, mas sente-se a necessidade de dar uma ordem a todo este movimento. Vão ser de novo os irmãos Pinto Basto a dar

³ Na realidade, o papel dos jovens estudantes em Inglaterra foi decisivo no processo de divulgação do futebol nos seus países de origem. Não só em Portugal, como no Brasil (1894) e em muitos outros países do mundo, foi pela mão de jovens oriundos de classes privilegiadas que o futebol foi pela primeira vez "conhecido" nos respectivos países, ganhando inicialmente a simpatia das classes superiores para depois conquistar e alastrar aos estratos mais baixos da população.

mais um passo em frente ao decidirem formar um clube: o Lisbonense.

Ao mesmo tempo que decorriam estes acontecimentos em Lisboa, no Porto, António Nicolau de Almeida, sócio numa firma exportadora de vinho do Porto, viaja para Inglaterra em negócios, trazendo também consigo “a moda mais recente e mais chique, o futebol” (GUEDES, 1987, p. 17). Mais uma vez, por contacto directo com Inglaterra, o futebol é introduzido em 1890 no norte do país e três anos mais tarde funda-se o Futebol Clube do Porto.

Em Portalegre, à semelhança da Ilha da Madeira, será a presença de uma comunidade inglesa na capital deste distrito que estará na origem da divulgação do desporto, presença justificável se atendermos às indústrias corticeiras e têxteis aqui concentradas (GASPAR, 1971, p. 492).

Entretanto, em Lisboa, e após a formação do Lisbonense, uma onda de interesse se propaga e outros clubes se constituem: o Real Ginásio Clube Português, o Carcavelos Clube, o Braço de Prata, o Futebol Clube Esperança, o Futebol Clube Estrela, entre muitos outros; simultaneamente surgem grupos escolares que imprimem ao futebol um impulso extraordinário, com destaque para o Casa Pia.

O conteúdo deste movimento adquire, na realidade, um sentido muito mais amplo na medida em que a organização clubista que viria a ser a raiz do desporto português teve a sua génese no futebol, precisamente neste quadro organizativo. Em 1894, organiza-se o primeiro encontro Lisboa-Porto, disputando-se a taça D. Carlos I, o que ilustra bem o interesse que o desporto já suscitava e nos permite mesmo dizer que o nosso futebol nasceu sob o signo real (FARIA, 1969).

Nos princípios do novo século, mais precisamente em 1906, é disputado o primeiro torneio inter-clubes. A crescente adesão a este jogo, com o aparecimento de novos jogadores e de novos clubes, tornava clara a necessidade de constituição de uma entidade organizativa que procedesse à padronização das regras e à elaboração dos campeonatos.

Nesta perspectiva constituiu-se em 1906 a Liga de Futebol Association e em 1908 a sua sucessora, a Liga Portuguesa de Football, ambas de vida efémera. Será apenas em 1910 que surge a Associação de Futebol de Lisboa que, quatro anos mais tarde, cria com as suas congéneres do Porto e Portalegre a União Portuguesa de Futebol, que se passa a designar, a partir de 1938, por Federação Portuguesa de Futebol (F.P.F.), órgão que tem sido a cúpula da actividade futebolística do país. Começa pois, em 1914, uma nova era no futebol português.

3.3 Difusão espacial do futebol em Portugal

O que temos vindo a apresentar pode ser entendido como uma inovação que, numa acepção simplificada, se pode conceber como tudo o que surge com o carácter de

novidade. O termo inovação é amplamente usado e pode referir-se a um novo produto, a uma nova técnica, a uma nova prática ou a uma nova ideia (BROWN, 1981, p. 1). Uma inovação quando surge não é imediatamente acessível em todo o lado e a qualquer pessoa; certos locais e certos grupos de pessoas acedem mais rapidamente, enquanto outros, provavelmente, nunca a ela terão acesso.

Portugal Continental conheceu o futebol em 1884 com a chegada da primeira bola trazida de Inglaterra, os primeiros jogos realizados foram vistos como “uma coisa sensacional, uma novidade”, constituindo mesmo o que se poderá considerar “uma pequena revolução” (F.P.F., 1964, p. 3). Estes e outros testemunhos de crónicas da época mostram, inequivocamente, que o futebol foi introduzido e percebido como uma prática nova.

O futebol enquanto actividade lúdico-desportiva conheceu, como vimos, uma adopção não sincrónica no território nacional, que anda associada ao dinamismo económico e social e às dimensões espaciais e temporais a eles inerentes.

A necessidade de estudar este aspecto eminentemente geográfico do fenómeno desportivo foi já salientada por JORGE GASPAR (1971, p. 491) ao realçar que “o estudo da difusão dos campos e dos grupos de futebol, quando comparado com a difusão de outros fenómenos ajudaria a compreender o mecanismo da difusão cultural, beneficiando-se da facilidade em obter elementos estatísticos e do facto de o mais popular dos desportos ter já coberto todo o território nacional”.

Os processos de difusão territorial do futebol, a exemplo de análises idênticas realizadas para outros fenómenos, têm implícitos o conceito de inovação. À transmissão e adopção graduais no tempo e no espaço de uma inovação, modo como a difusão é definida, associamos de imediato a ideia de movimento, entendido como o deslocamento espacial e a ocupação de outras áreas geográficas por um qualquer fenómeno e/ou a sua divulgação de um grupo social para outro.⁴

⁴ O processo de difusão caracteriza-se por dois elementos distintos (conhecimento e adopção) que podem não ser temporalmente coincidentes. O tempo que decorre entre os dois momentos é variável, dependendo de uma infinidade de condicionantes: natureza e velocidade de disseminação da inovação, características do meio em que a inovação é introduzida, perfil dos potenciais receptores e de um sem número de outras variáveis - sociais, económicas e culturais - cujo modo articulado como sempre se comportam conduz, inevitavelmente, a ritmos inconstantes de adopção da informação. Por isso, “a difusão da inovação constitui um processo social complexo, de natureza tipicamente evolutiva, que não pode ser confrontado com esquemas conceptuais de tipo monista ou mecanicista” (CAMAGNI, 1985, p. 70). A curva logística constitui o modelo básico que traduz a adopção de uma inovação em que o grau cumulativo de adopções ao longo do tempo

Num estudo sobre a difusão do futebol na Europa, JOHN BALE (1984, p. 54) identifica três etapas nos países do continente Europeu para além da Inglaterra: a primeira identifica-se com o processo de formação de clubes por parte de emigrantes ingleses no sentido de praticarem aquele desporto entre si; na segunda, elementos das classes sociais autóctones mais elevadas tomam conhecimento do jogo, através da sua relação com a comunidade britânica; finalmente, a expansão do futebol a todos os estratos sociais, com a conseqüente necessidade de constituição de entidades representativas da actividade futebolística. Esta terceira fase cristaliza o momento de adopção da inovação, como uma nova modalidade desportiva⁵.

Neste sentido, identificaremos a adopção do futebol nas diferentes regiões do país, não através do registo dos primeiros encontros realizados ou dos clubes que se constituíram, aspectos que seriam interessantes aprofundar, mas em função da criação de organismos coordenadores da prática desta modalidade - as Associações Distritais de Futebol, cujo aparecimento deve ter acontecido em função do desenvolvimento da modalidade no seu território.

O futebol, ou melhor a bola com que este se joga, foi introduzida em Portugal nos finais do século XIX (Funchal em 1873, Lisboa em 1884) e a data da realização do primeiro encontro público foi em 1888. Contudo, a institucionalização generalizada da modalidade a todo o país, isto é, a formação das respectivas Associações Distritais, só se iniciou na segunda década do presente século: Lisboa foi a primeira em 1910 (Fig.1), seguindo-se Portalegre (1911), o Porto (1912) e, posteriormente, o Funchal (1916).

pode ser representado por aquela função. A curva permite individualizar três estádios no processo de difusão: um primeiro estádio em que o número de adoptantes é limitado, uma secção média em que se regista um rápido incremento do número de adopções e por fim uma fase de saturação ou condensação em que a quase totalidade da população já adoptou a inovação (BAILLY, 1982).

⁵ Temos de ter em consideração a necessidade de minimizar as distorções provocadas por factores como um grupo de negociantes ingleses que fundou um simples clube de futebol, totalmente alheio ao espírito dos desportos indígenas do país hospedeiro. Uma coisa é referir-nos ao "conhecimento" da informação inovadora (registo do primeiro encontro realizado) outra, totalmente diversa, constitui a sua adopção (formação de entidades responsáveis pelo exercício da modalidade). Sobre este aspecto é conveniente ainda referir, no caso do nosso país, que o desenvolvimento das Associações Distritais de Futebol e o aparecimento da Federação Portuguesa de Futebol prendem-se com a necessidade de regulamentar, promover e dirigir a prática do futebol, podendo "interpretar-se como parte da burocratização do futebol - elemento chave na transição de uma actividade recreativa para o desporto moderno" (BALE, 1984, p. 54).



Fig. 1 — A institucionalização do movimento associativo no futebol português

Os exemplos apontados são elucidativos do tempo de mediação que decorre entre o momento do "conhecimento" e a data de "adopção", sendo também demonstrativos da ocorrência de lapsos de tempo variáveis de distrito para distrito. O distrito do Funchal, apesar de ter sido o primeiro a tomar conhecimento desta inovação desportiva não foi o primeiro a formalizar sua adopção. As cidades de Lisboa e do Porto funcionaram, pois, como pólos difusores para o restante território nacional.

O modelo que traduz o processo de adopção institucionalizada do futebol em Portugal ajusta-se às descrições teóricas, em que o primeiro estádio "corresponde ao lançamento do processo de difusão e ao aparecimento dos primeiros centros que adoptaram a inovação. Neste estádio, a difusão introduz uma oposição nova e muito forte entre os centros e o resto do espaço" (SAINT-

-JULIEN, 1985, p. 20). Assim, entre 1910 e 1916 verificamos que apenas quatro distritos institucionalizaram o futebol (Lisboa, Portalegre, Porto e Funchal), o que corresponde a um período de adopção prudente, semelhante ao verificado com as nações inovadoras no estudo anteriormente referido (BALE, 1984).

Entre 1921 e 1930 individualiza-se uma outra etapa, que podemos considerar a mais importante e decisiva, durante a qual 14 distritos procedem à institucionalização das respectivas Associações, o que revela um ritmo extremamente forte de adopções: a razão de adopção é de, aproximadamente, um distrito em 7 meses contra um distrito em 2,5 anos como aconteceu no período anterior. A expansão corresponde ao período no decurso do qual o processo se generalizou, traduzindo-se por um efeito centrífugo forte, gerando a criação de novos centros, em crescimento mais rápido nas zonas distantes e a redução de contrastes. Na etapa de condensação dá-se “o aumento relativo da penetração da inovação tendente a ser menos contrastada entre os centros iniciais e os espaços periféricos” (SAINT-JULIEN, *ob. cit.*).

O período final, de saturação, compreende a “etapa no decurso da qual a difusão cresce de maneira assintótica para um máximo” (SAINT-JULIEN, *ob. cit.*), constituindo o grupo retardatário dos distritos de Castelo Branco (1936), Guarda (1940) e, por último, o de Viana do Castelo (1971).

A descrição que acabámos de efectuar parece evidenciar a existência não de um mas de dois focos inovadores no espaço nacional e um padrão de difusão espacial baseado no efeito de vizinhança dependente de uma hierarquia urbana. Deste modo, a criação das Associações Distritais de Futebol podem ligar-se a um ordenamento em função

da distância, embora a correlação não se apresente muito elevada: quanto maior é o afastamento mais tardiamente se fundam as respectivas Associações Distritais de Futebol, evidenciando-se, contudo, algumas excepções: Setúbal foge a esta regra, pelo facto do distrito ter sido criado no ano de 1926, fazendo parte, até então, do distrito de Lisboa; Bragança conheceu uma vida efémera, tendo-se dissolvido pouco tempo depois de constituída (1930) para se reorganizar definitivamente em 1953; por seu turno, a Associação Distrital de Viana do Castelo foi somente fundada em 1971, por despacho da Federação Portuguesa de Futebol, estando até então a sua actividade futebolística sob a jurisdição da Associação de Futebol de Braga.

O futebol foi pouco a pouco propagando-se a todo o país, encontrando maiores dificuldades de penetração em áreas cujos contactos com os dois centros difusores registavam índices de baixa intensidade.

O futebol reforça e ilustra a fragmentação do território nacional revelando a dicotomia e oposição manifestada sob tantos outros aspectos: faixa litoral que adere em primeiro lugar, em contraste com a faixa interior e, em particular, com a região interior-norte que o adopta mais tardiamente.

À semelhança do panorama observado por JOHN BALE na Europa dos finais do século passado e inícios do século XX, também em Portugal a adopção do futebol esteve, de certo modo, dependente da hierarquia económica. Embora em menor grau, podemos igualmente dizer que a adopção do futebol em Portugal foi condicionada pela dinâmica económica, sobretudo urbana e industrial.

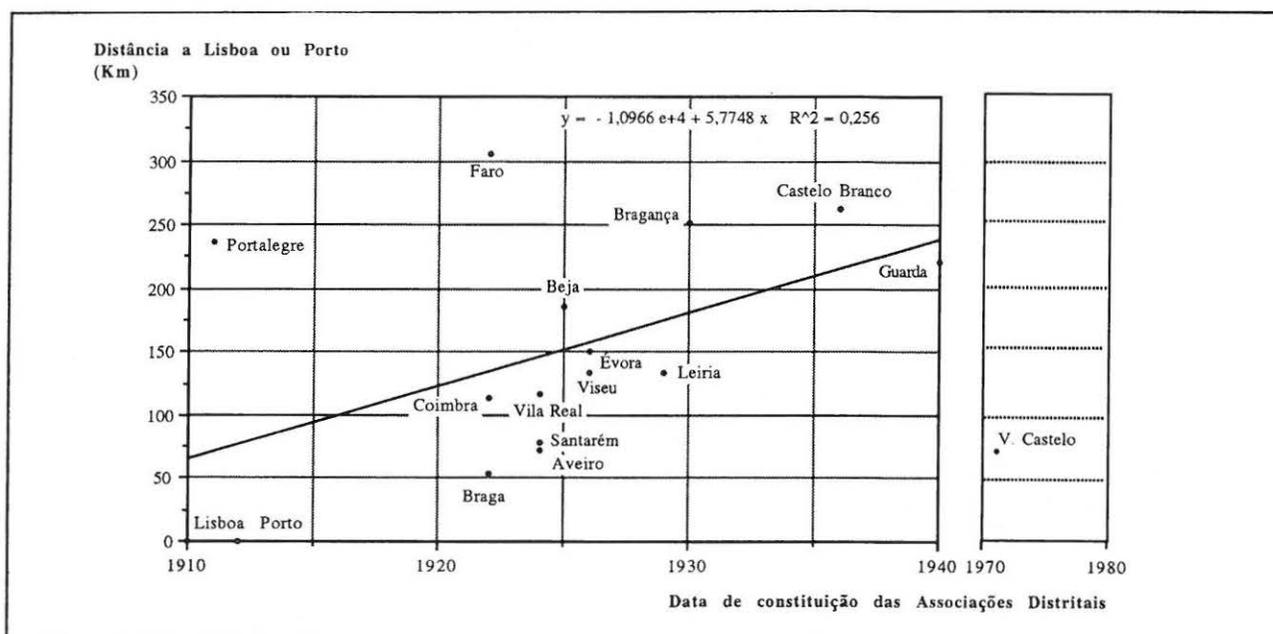


Fig. 2 — A difusão do associativismo futebolístico no Continente

4. FUTEBOL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

4.1. Transformações recentes na geografia do futebol

Atendendo ao número de clubes, atletas, adeptos, infraestruturas e dirigentes desportivos que mobiliza e de influências que movimenta, o futebol representa a modalidade desportiva mais visível e com índices de penetração e fidelidade mais elevados, tanto a nível nacional como local, pelo que o podemos considerar como um facto social, económico, político e cultural da maior importância.

Podemos aceitar que a expressão do fenómeno desportivo de uma região pode espelhar o respectivo nível de desenvolvimento económico e social. Assim, a análise dos padrões de distribuição espacial das equipas de futebol que procuraremos descrever, encontram-se correlacionados e dependentes dos níveis de desenvolvimento. Nesta medida, as mudanças operadas na década de 80 na distribuição dos clubes de futebol no território nacional reflectem as flutuações verificadas nas estruturas económicas e sociais locais. Contudo, esta situação pode decorrer, também, da regulamentação dos campeonatos e respectivas mudanças de divisão (promoção e despromoção das equipas), uma vez que não têm presentes uma preocupação de equidade espacial, encontrando-se exclusivamente dependentes dos resultados alcançados pelas equipas.

Não é uma preocupação central deste trabalho analisar os processos que as elites locais utilizam para, através do futebol, atingirem notoriedade pessoal e os meios que as cidades, vilas e aldeias mobilizam para ganhar visibilidade e afirmação no exterior. Devido aos avultados recursos que são exigidos para que se atinjam estes fins, existem lugares que começam a apostar e a especializar-se noutras modalidades, que podem passar a disputar o papel hegemónico que o futebol normalmente assume, de que destacamos: o basquetebol (Ginásio Figueirense, Barreirense, Ovarense, Illiabum e Esgueira), o hóquei (Turquel, Oliveira de Azeméis e Barcelos), o andebol (Braga) e o ciclismo (Sangalhos e Tavira).

Uma análise retrospectiva permitiria detectar situações muito curiosas tanto ao nível dos clubes que disputaram os principais campeonatos nacionais, como das cidades e territórios que lhes servem de base económica e social de apoio. Podemos inferir da enumeração que apresentamos sem qualquer preocupação de precedência, que a situação conjuntural que certas empresas conheceram e o papel determinante que a actividade industrial, o turismo, o comércio ou mesmo a agricultura tiveram na evolução e vicissitudes de certas localidades e regiões, tiveram reflexos na situação vivida pelos respectivos clubes: Riopole, CUF, Lusitano de Évora e de Vila Real de Santo António, Juventude de Évora, Chaves, Atlético Sporting da Covilhã, Olhanense, Portimonense, Elvas, Marinhense, Caldas, União de Tomar, Ginásio de Alcobaça, Recreio de Águeda, etc.

Tomando por referência apenas a distribuição das equipas de futebol participantes no escalão máximo do

Campeonato Nacional nas épocas de 1979/80 a 1988/89 (Fig. 3) de imediato se evidenciam as assimetrias estruturais caracterizadoras do nosso país: contraste entre a faixa litoral e a faixa interior, o norte e o sul, além da oposição flagrante entre as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto e o restante território nacional. Como é sabido, entre Braga e Setúbal concentra-se 2/3 da população, 4/5 do produto nacional bruto e 9/10 do produto industrial, subsistindo marcas profundas que exprimem as diferenças existentes entre as regiões portuguesas “mais ou menos romanizadas, entre Norte Cristão e Sul Muçulmano, entre Norte senhorial e Sul concelhio, tão marcadas antes da fundação da nacionalidade, permanecem sob outras formas e prolongam-se sob as mais variadas manifestações como ainda hoje, por exemplo, na geografia eleitoral” (J. MATOSO, 1989) e às quais podemos acrescentar o exemplo da geografia do futebol.

Analisando a distribuição espacial destas equipas de futebol (Fig. 3) constatamos que em quatro das épocas (1979/80, 82/83, 83/84 e 84/85) o Campeonato foi totalmente litoralizado: as equipas participantes pertenciam exclusivamente a localidades da faixa litoral a Norte de Setúbal a ao litoral algarvio. Das equipas do Continente que disputam o Campeonato Nacional de 1980/81 e 81/82, catorze pertenciam à faixa litoral e apenas uma escapava a este enquadramento (Académico de Viseu), enquanto que nas épocas de 1985/86, 86/87 e 88/89, embora permaneça aquela situação, verifica-se uma ligeira descentralização, com duas ou três equipas do interior.

No decurso deste decénio, seis distritos nunca viram qualquer das suas equipas ascender ao escalão principal (Viana do Castelo, Bragança, Guarda, Santarém, Évora e Beja) e, no mesmo período, apenas quatro distritos viram equipas suas participarem de forma continuada e ininterrupta (Lisboa, Porto, Braga e Faro, todos localizados no litoral). Os restantes oito distritos (Vila Real, Aveiro, Coimbra, Viseu, Leiria, Setúbal, Portalegre e Castelo Branco), cujas promoções à I Divisão do Campeonato Nacional foram mais ou menos efémeras, conheceram destinos diferentes: o de Vila Real, com a promoção do Desportivo de Chaves à I Divisão em 1985/86 registou, desde então, uma participação ininterrupta durante o período analisado e o de Setúbal esteve afastado em 1986/87.

Esta análise permite-nos constatar que na primeira metade da década de 80, a actividade futebolística exprime, de forma exemplar, a bipolarização do país: das 16 equipas participantes na I Divisão do Campeonato Nacional, de 7 a 9 pertencem aos distritos de Lisboa e Porto que com os de Braga, Setúbal e Faro concentram 11 dos 16 clubes primodivisionários do futebol.

Na segunda metade da década, a ligeira alteração verificada no padrão de localização pode ser explicada pelas transformações da sociedade, intimamente relacionadas com a reestruturação das economias locais, assistindo-se a um certo movimento de descentralização para os centros urbanos localizados no interior de que são exemplo, fundamentalmente, a ascensão à I Divisão de

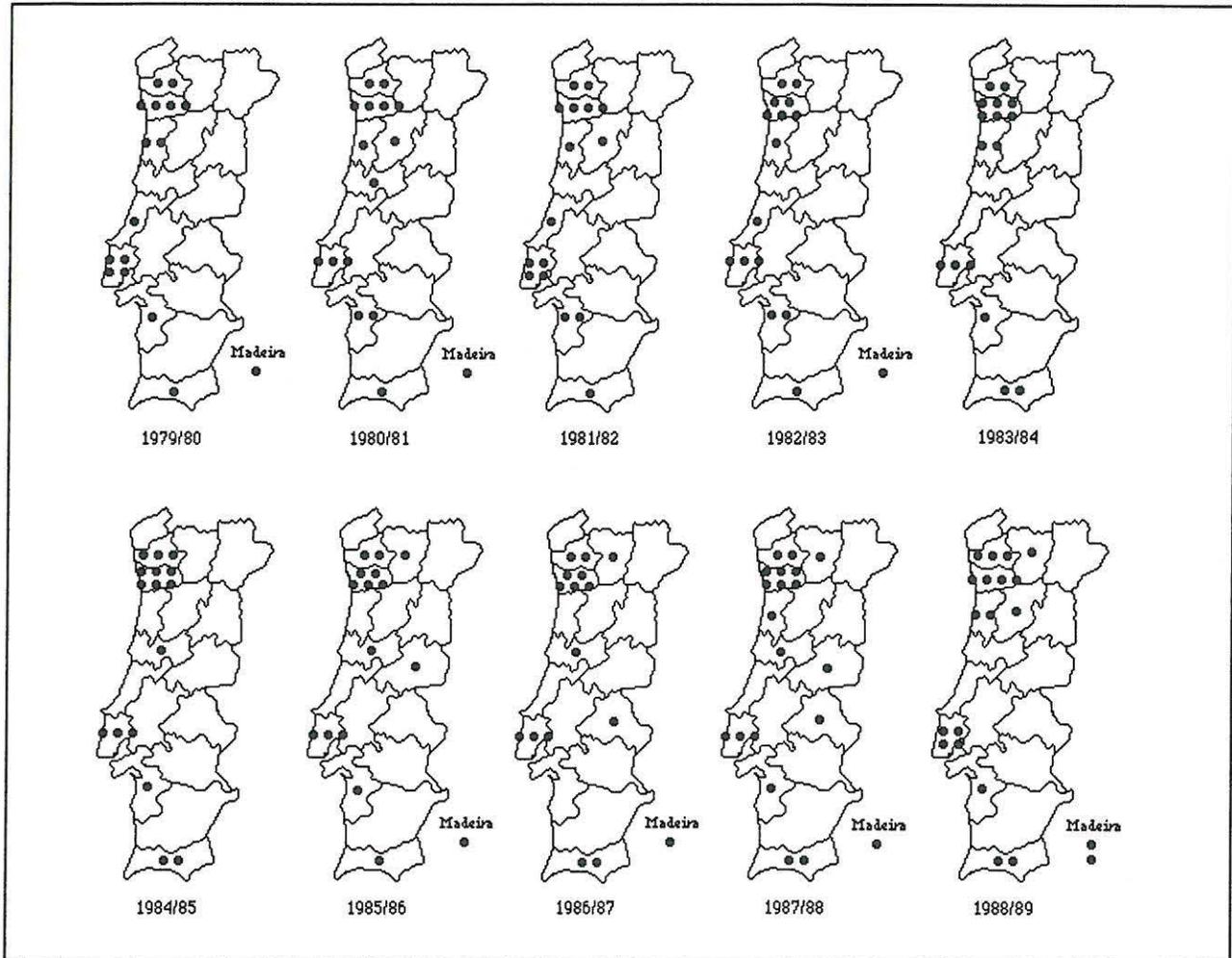


Fig. 3 — Equipas de futebol participantes na 1ª Divisão do Campeonato Nacional, por distritos, nas épocas de 1979/80 a 1988/89.

clubes das cidades de Chaves, Elvas, Covilhã e Viseu. Neste quadro global, o Algarve funciona como um caso particular, cuja excepcionalidade se prende com a actividade turística e a construção civil, uma vez que a base industrial que explicou a emergência de clubes como o Olhanense e o Lusitano de Vila Real de Santo António foi ultrapassada.

O futebol traduz, assim, a dicotomia e os dinamismos territoriais que se traduzem em tantos domínios da vida nacional, reflectindo-se com a mesma expressividade se incorporarmos na análise elementos relativos às II e III Divisões do Campeonato Nacional. O cálculo de um índice de importância futebolística⁶ por distritos baseado

⁶ O cálculo do índice de importância futebolística total obteve-se através do somatório dos índices de importância futebolística nacional e distrital, os quais se baseiam numa progressão

no número de clubes participantes e na divisão a que pertencem vem confirmar esta constatação (Fig. 4).

No cômputo geral e atendendo à ponderação futebolística média total no decénio, os distritos com índices mais baixos são os de Bragança, Évora e Beja,

geométrica de razão 2 e cujo termo geral é $a_n = 2^n - 1$; deste modo, $a_1=1$, $a_2=3$ e $a_3=7$, valores atribuídos respectivamente aos clubes a disputarem a III, II e I divisões dos Campeonatos Nacional e Distrital. No cálculo do índice de importância futebolística total, o índice de importância futebolística nacional é objecto de uma ponderação por um factor 3 e o distrital por um factor de 1.

De referir, ainda, que as pontuações atribuídas nas épocas 1987/88 e 88/89 foram sujeitas a uma correcção no sentido da uniformização das ponderações anuais, na medida em que o número total de clubes a disputar o Campeonato Nacional foi objecto de um alargamento de 160 para 200 clubes na época 1987/88 e 182 clubes na de 88/89.

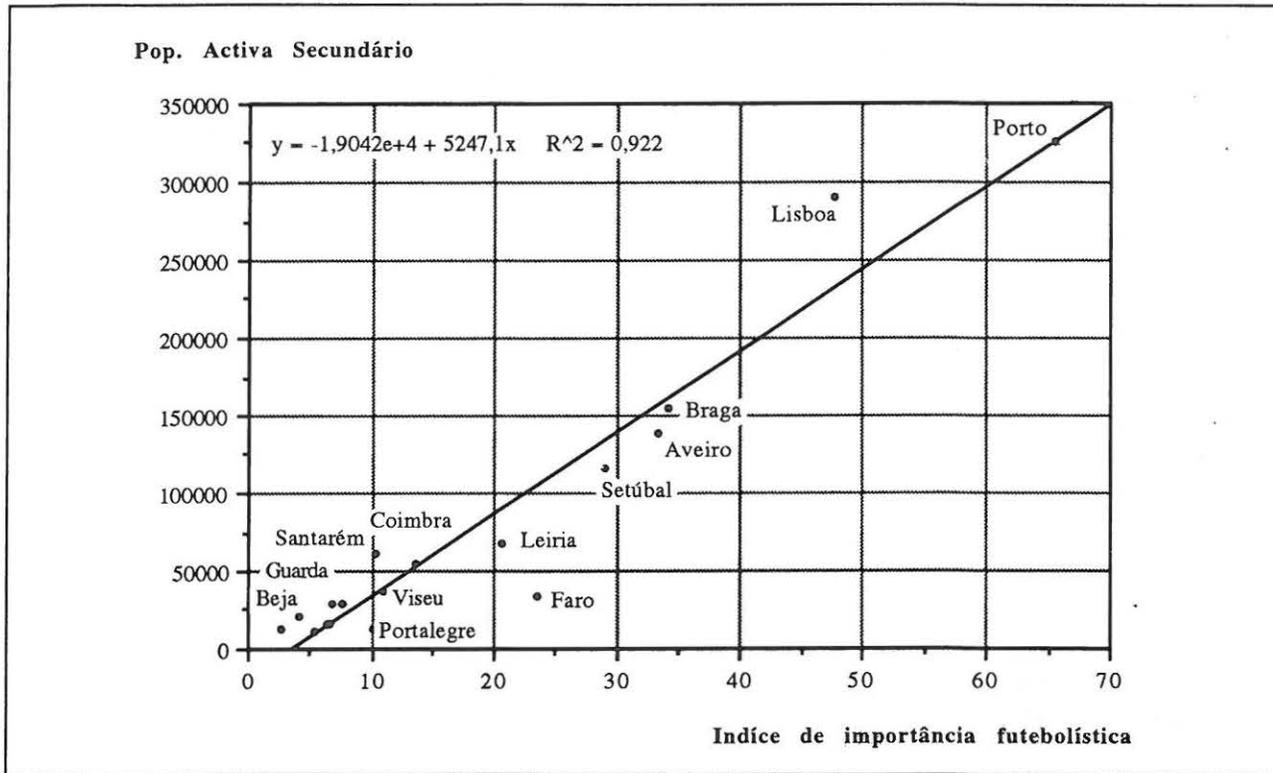


Fig. 4 — Correlação entre a população activa no sector secundário e o índice de importância futebolística por distritos

seguinte-se um grupo de cinco distritos em que se registam igualmente fracas dinâmicas futebolísticas: Viana do Castelo, Vila Real, Castelo Branco, Portalegre e Évora.

A figura acima evocada põe em relevo que as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto concentram a maior actividade futebolística do território nacional. A área metropolitana de Lisboa viu sempre mais de três dos seus clubes incluídos no escalão máximo, chegando a alargar tal participação para seis clubes (4 de Lisboa e 2 de Setúbal) na época de 1981/82; por seu turno, no distrito do Porto observam-se participações superiores a quatro clubes na I Divisão do Campeonato Nacional. Esta preponderância pode ainda ser aferida pelos elevados valores alcançados pelo índice ponderado (Fig. 5). As Figs 6 e 7 ressaltam ainda mais esta percepção, nas quais se representam apenas os clubes pertencentes às duas primeiras divisões do Campeonato Nacional, por serem os únicos em que as promoções e despromoções são, de facto, realizadas à escala nacional, já que as promoções à III Divisão se efectuam à escala distrital.

De salientar que, embora no decurso destes dez anos, o distrito do Porto tenha registado variações do número de clubes a disputarem o Campeonato Nacional da I Divisão, as descidas aqui registadas eram compensadas por

correspondentes subidas nos distritos limítrofes de Braga e Aveiro, mantendo-se o crescente poderio futebolístico nortenho inquestionável (Fig. 5). Desde meados da década de 70, assiste-se a uma deslocação progressiva do centro gravitacional do futebol português da faixa Lisboa-Setúbal para o norte do país. Esta realocação é particularmente notória se procedermos a um estudo do paralelo que limita as três zonas em que se subdivide o Campeonato Nacional da II Divisão. Em função do potencial futebolístico do norte do país - aparecimento de novos clubes e uma crescente competitividade - verifica-se a deslocação progressiva para norte do limite Sul da Zona Norte a que não corresponde um acréscimo da superfície da Zona Centro, uma vez que o seu limite Sul regista, também, um correlativo movimento para Norte.

A perda de importância do eixo Setúbal-Lisboa e o posicionamento do centro de gravidade do futebol português a norte sobre o eixo Aveiro-Porto-Braga reflecte as transformações operadas na estrutura económica, social e territorial do país. O choque petrolífero, o fim do Império e o processo de reestruturação do aparelho produtivo instalado na Península de Setúbal, onde se instalou uma recessão mais profunda, contribuíram para acentuar a bipolarização do país. O Porto e o Norte

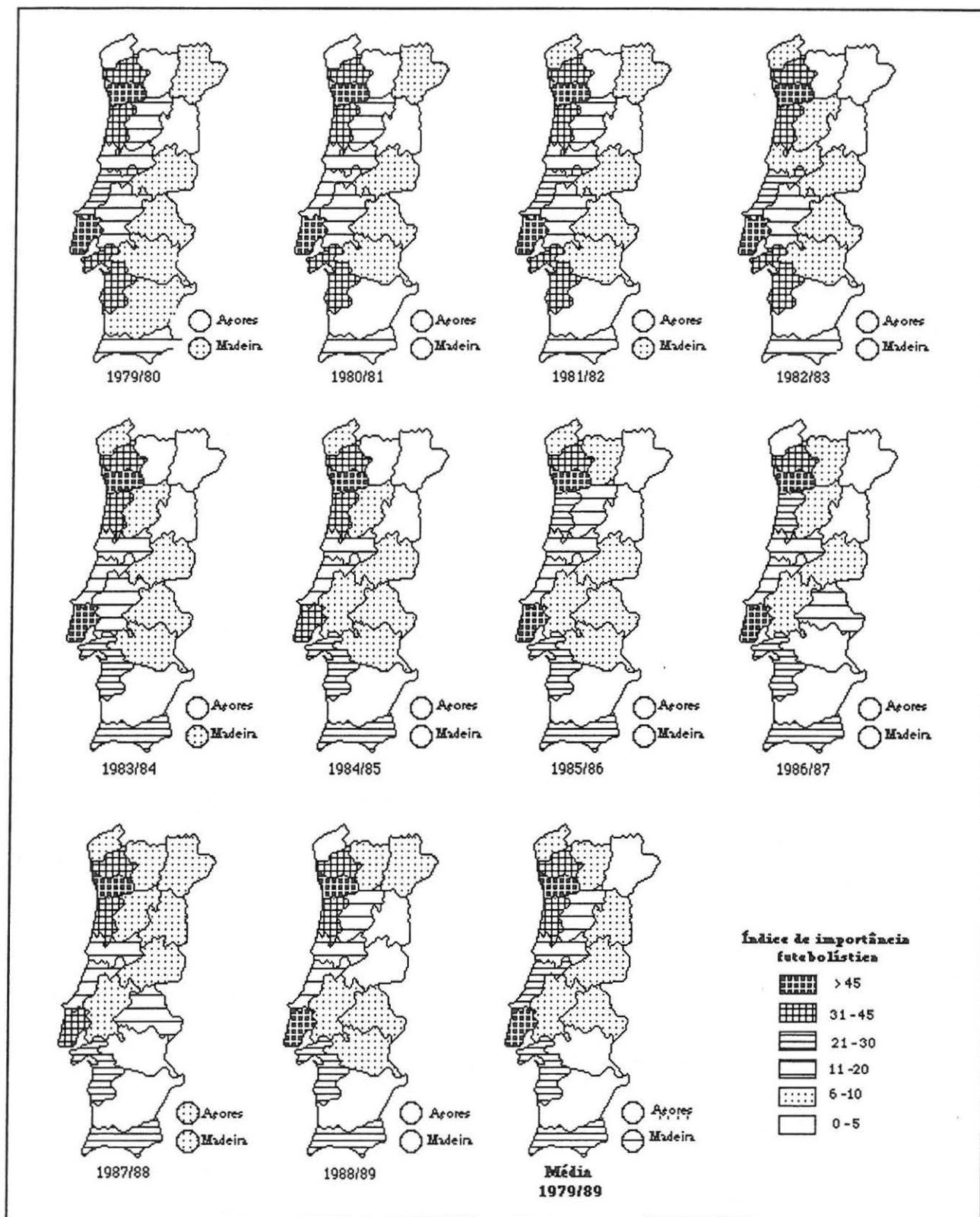


Fig. 5 — Hierarquia dos distritos segundo o índice de importância futebolística.

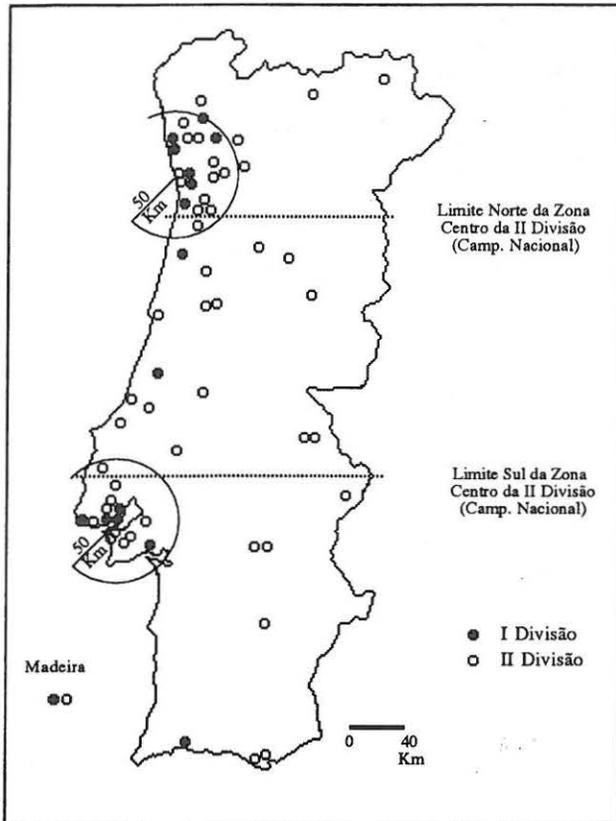


Fig. 6 — Equipas de futebol nas I e II Divisões do Campeonato Nacional. Época 1979/80.

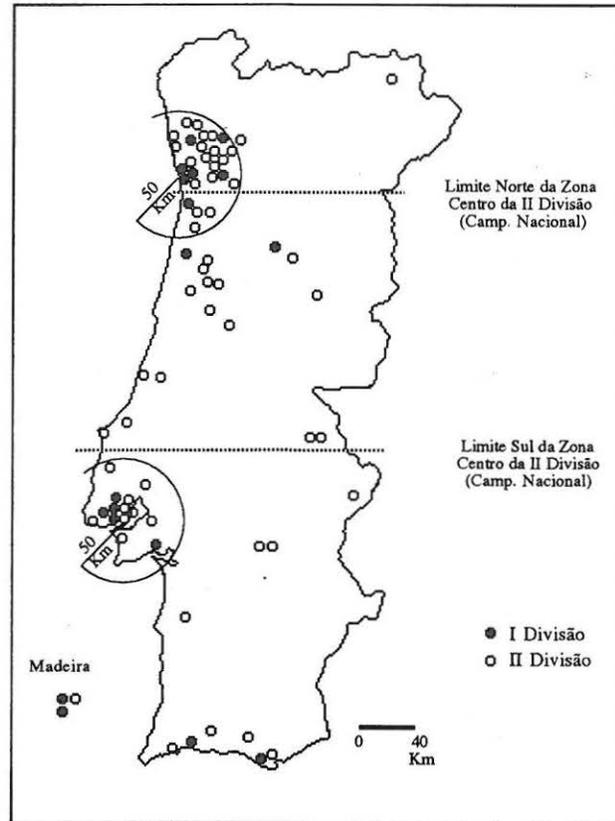


Fig. 7 — Equipas de futebol nas I e II Divisões do Campeonato Nacional. Época 1988/89.

denotam um processo inverso, associado a um modelo espacial e produtivo diferente, assente em indústrias viradas sobretudo para exportação (têxtil, confecção e calçado) e ainda pelo alargamento das suas funções administrativas com a instalação de variados serviços públicos e privados de nível elevado. Este surto de desenvolvimento da aglomeração nortenha foi acompanhado pelo desenvolvimento simultâneo de outros centros urbanos dela dependentes - principalmente Braga e Aveiro -, além da urbanização difusa que caracteriza esta região.

4.2 O Futebol na Região Centro

Tendo por base os mesmos pressupostos e utilizando os mesmos passos metodológicos procuraremos, seguidamente, analisar a expressão que o fenómeno futebolístico assumiu na Região Centro. A semelhança do panorama traçado para o Continente, uma focagem à escala regional da actividade futebolística reproduz o mesmo quadro global de relacionamento estreito entre futebol e desenvolvimento, ressaltando e dando maior relevo aos processos territoriais de industrialização e urbanização.

Analisando a melhor posição alcançada pelos clubes de cada concelho da Região Centro nos Campeonatos Nacional e Distrital durante a década de 80 (Fig. 8), verificamos que dos 77 concelhos que compõem a Região, apenas os de Aveiro, Coimbra, Leiria, Viseu, Águeda e Covilhã viram ascender equipas suas à I Divisão do Campeonato Nacional. Este facto evidencia, por um lado, uma estreita relação entre a actividade futebolística da Região Centro e a respectiva rede urbana (quatro dos concelhos mencionados correspondem a capitais de distrito) e, por outro, é também notória a interdependência entre concelhos com fortes dinâmicas futebolísticas e concelhos possuidores de índices de industrialização elevados, de que são exemplo Águeda e Covilhã, os únicos que não são sedes de distrito.

A actividade futebolística traduz, igualmente, a tradicional dicotomia litoral/interior: exceptuando os concelhos de maior pendor rural (Murtosa, Ílhavo, Vagos, Mira, Condeixa e Penamacor), todos os restantes localizados no litoral têm clubes a participar numa qualquer das três divisões do Campeonato Nacional.

No interior, os concelhos com equipas a disputarem Campeonatos Nacionais, além dos concelhos urbanos, são

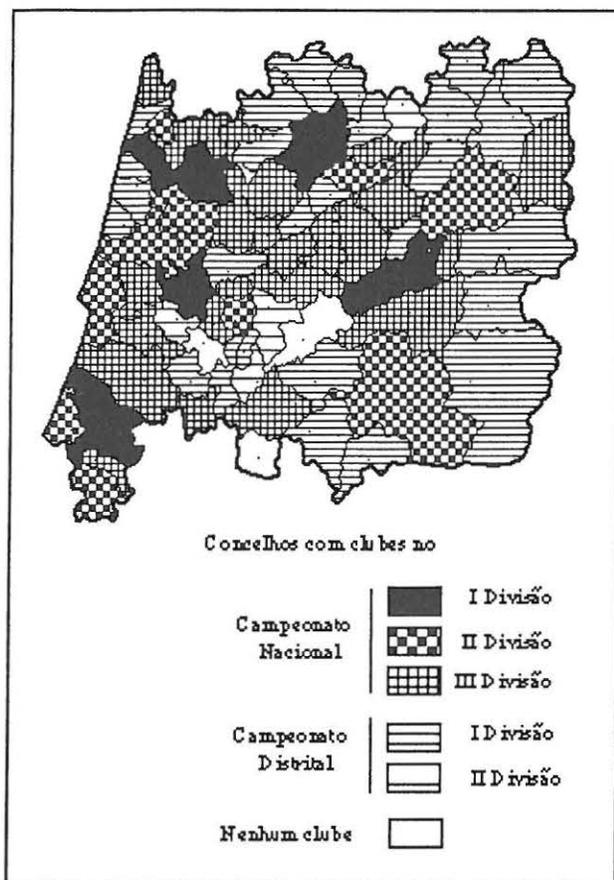


Fig. 8 — O Futebol na Região Centro: a melhor posição alcançada nos Campeonatos Nacionais e Distritais pelos clubes dos respectivos concelhos na década de 80

aqueles em que actividade industrial tem ou atingiu maior dinamismo durante a década de 80 (Belmonte, Seia, Gouveia, Oliveira do Hospital, Arganil e Mangualde, por exemplo) ou o terciário registou forte incremento (Almeida, Sertã, Fundão, Tondela, etc).

Uma outra leitura permite a individualização de um grupo de concelhos onde nenhum clube participou em qualquer das divisões do Campeonato Nacional (6 do litoral e 27 do interior), por outras palavras 42% dos concelhos não tiveram clubes a disputar qualquer competição nacional. Estes concelhos coincidem com áreas rurais e periféricas, o que significa dizer áreas com fraco dinamismo económico, designadamente, o interior raiano, o Pinhal Interior e o sector Norte dos distritos de Viseu e da Guarda.

O cálculo do índice de importância futebolística dos concelhos da Região Centro, idêntico ao que foi utilizado para os Campeonatos Nacionais, confirma, genericamente, a veracidade das conclusões apontadas anteriormente e espelha, de modo muito claro, que os concelhos, tanto do litoral como do interior, cujos índices

de importância futebolística assumem valores mais elevados são pólos de sistemas urbano-industriais já consolidados (Fig. 9).

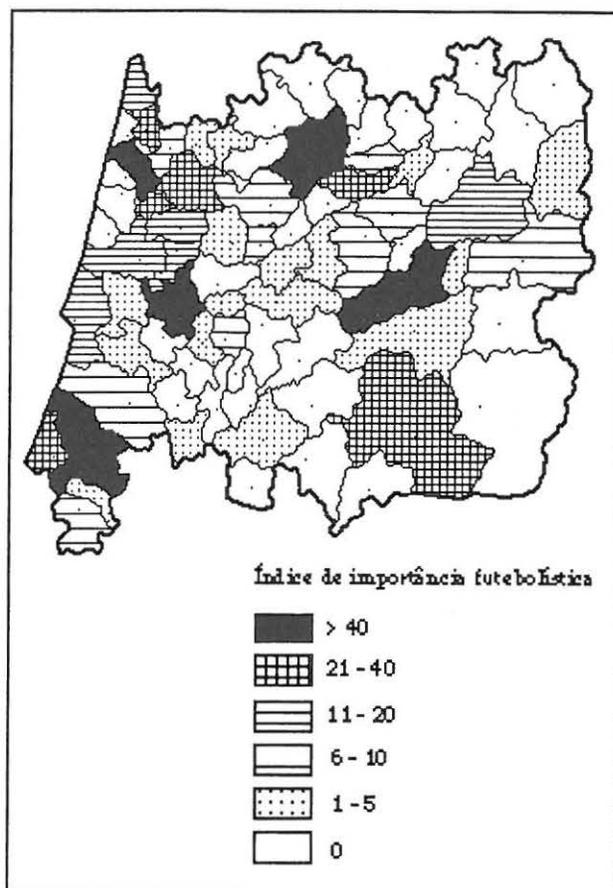


Fig. 9 — Hierarquia dos concelhos da Região Centro, segundo a sua importância futebolística, calculada em função das equipas que disputaram os Campeonatos Nacionais, na década de 80

Nesta perspectiva, Águeda e Aveiro constituem um destes sistemas, enquanto que Coimbra, embora induza fenómenos de rarefacção na sua periferia, manifestada pelas fracas dinâmicas futebolísticas dos concelhos de Condeixa, Penela e Penacova, corporiza outro sistema. No interior da Região, onde o sistema urbano se encontra mais polarizado, individualizam-se, por um lado, o eixo Tondela Viseu-Mangualde e, por outro, Guarda, Covilhã e Castelo Branco, embora Seia se destaque pelo número de clubes a disputar os distritais.

A importância futebolística em função dos Campeonatos Distritais (Fig. 10) reflecte, em termos globais, o padrão já descrito: litoralização desta actividade e correlação estreita com processos de industrialização e urbanização do território, embora sejam já perceptíveis, a esta escala mais fina, algumas distorções a este modelo. O aparecimento destas variações,

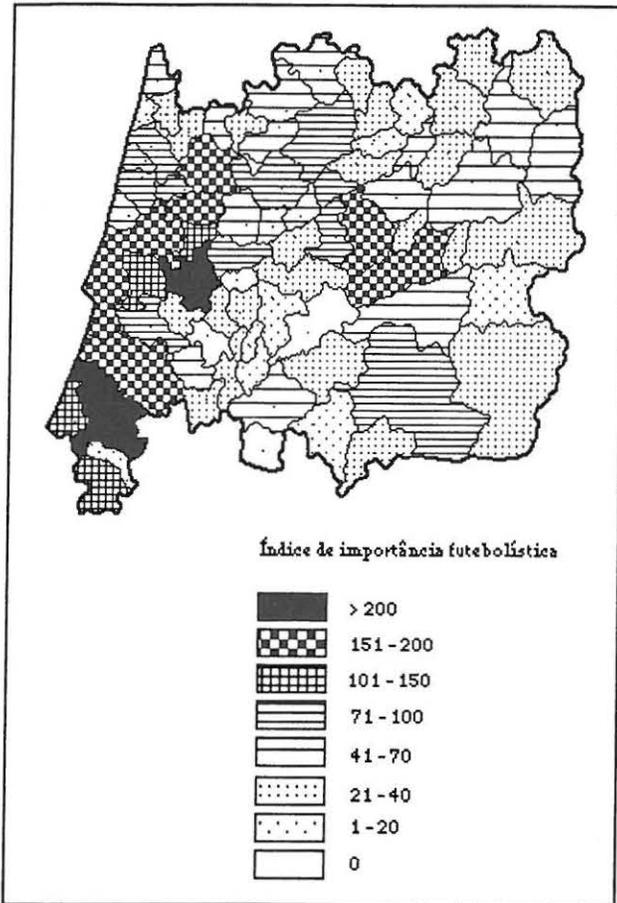


Fig. 10 — Hierarquia dos concelhos da Região Centro, segundo a sua importância futebolística, calculada em função das equipas que disputaram os Campeonatos Distritais, na década de 80

desperta a necessidade duma focagem à escala concelhia ou mesmo local: emergem, deste modo, concelhos de características vincadamente rurais que procuram e desenvolvem estratégias de afirmação através da actividade futebolística, entre os quais se destacam os concelhos de Almeida, Pinhel, Fornos de Algodres, entre outros, no interior e Montemor-o-Velho. No litoral a situação é, contudo, mais complexa, e só pode ser interpretada à luz das transformações verificadas nos sistemas produtivos de certos concelhos onde ocorreu um processo de industrialização mais ou menos rápido e intenso num ambiente tradicionalmente rural (Pombal, Cantanhede, Oliveira do Bairro e Anadia).

Além dos concelhos cujas sedes reforçaram, ao longo da década de 80, a sua importância como centros de comércio ou de prestação de serviços (Fundão, Sertã, S. Pedro do Sul, etc.) existem clubes de futebol noutros lugares além da sede de concelho que traduzem, frequentemente, as bipolarizações/ rivalidades existentes a nível local (Vilar Formoso, Alcáeus, etc.).

A análise efectuada permite destacar na Região Centro cinco pólos futebolísticos principais e que correspondem aos concelhos de Coimbra, Leiria, Águeda, Viseu e Covilhã (Fig. 11). A menor densidade futebolística verifica-se nos concelhos do interior, localizados perifericamente ou ocupando espaços intersticiais e de acessibilidade mais difícil com destaque para Pampilhosa da Serra, Vila de Rei, Penela, Proença, Penamacor, Aguiar da Beira, Góis, Pedrógão Grande e Castanheira de Pêra.

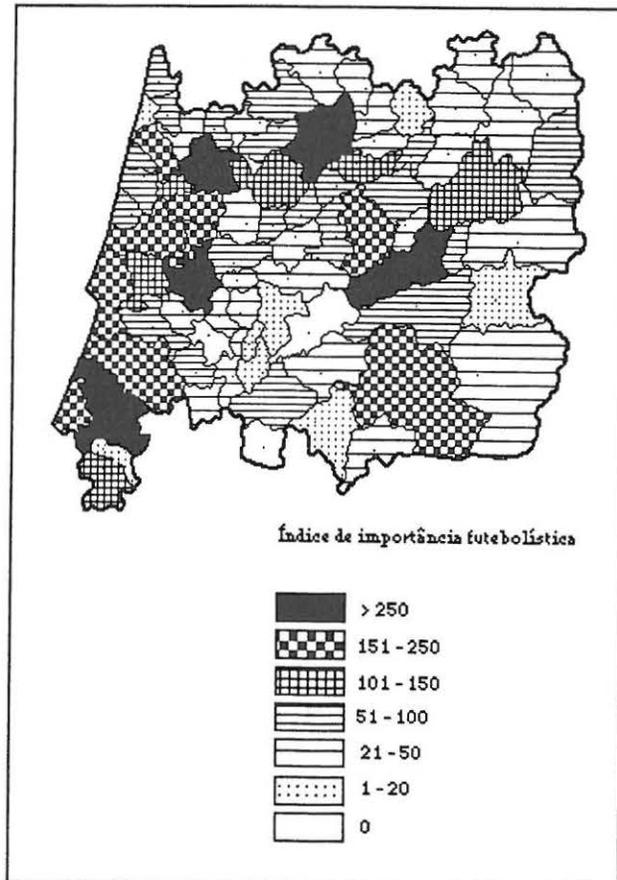


Fig. 11 — Hierarquia dos concelhos da Região Centro, segundo a sua importância futebolística, calculada em função das equipas que disputaram os Campeonatos Nacional e Distrital, na década de 80

Deste modo, a expressão que o futebol assume tanto na Região Centro como no país acaba por traduzir a imagem já evidenciada pela análise de outras dimensões económicas e sociais, apresentando-se estreitamente correlacionada com os processos de desenvolvimento urbano-industrial e flutuando em função dos dinamismos das economias locais: menor implantação do futebol nos espaços economicamente mais débeis, dependentes da actividade agrícola e socialmente mais fragilizados e maior dinamismo nos concelhos cujo lugar sede se encontra posicionado em

lugares do topo da hierarquia urbana ou onde o processo de industrialização é mais evidente (Figs. 12, 13 e 14).

Os concelhos onde não existem quaisquer clubes a disputar quer o Campeonato Nacional quer o Campeonato

Distrital sobrepõem-se a áreas rurais profundas. Segundo este enquadramento é possível dizer-se que existe uma fraca expressão do futebol nos meios rurais apontando-se Pampilhosa da Serra, Penela e Vila de Rei, como bons

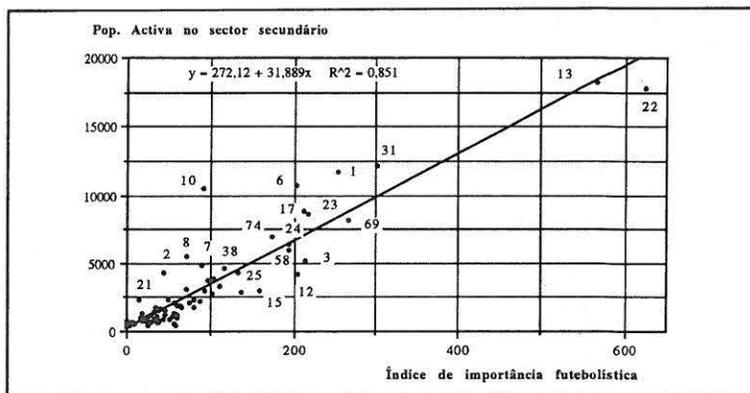


Fig. 12 - Correlação entre a população activa no sector secundário em 1981 e o índice de importância futebolística por concelhos

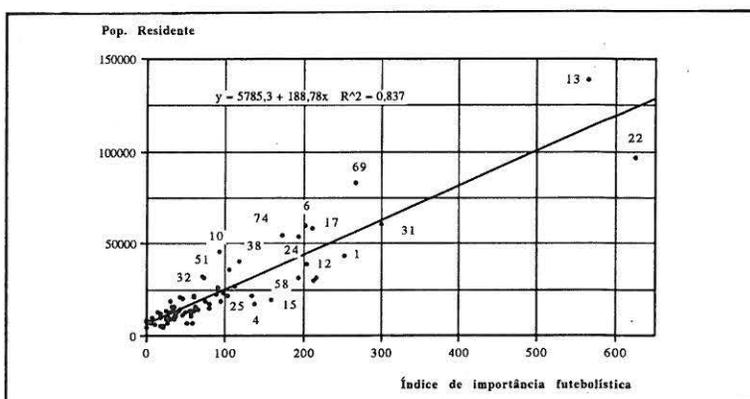


Fig. 13 - Correlação entre população residente em 1981 e o índice de importância futebolística por concelhos

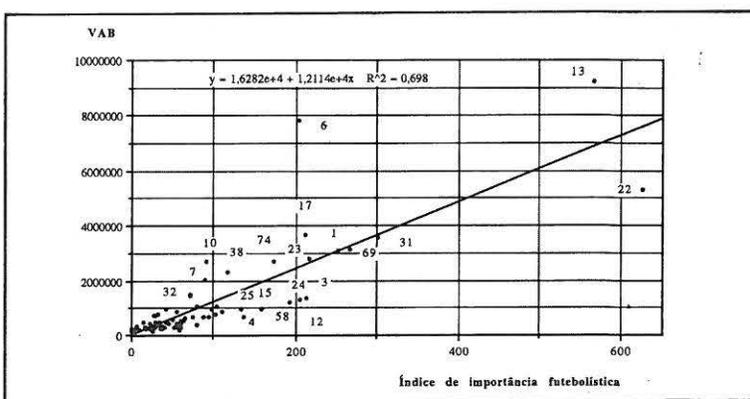


Fig. 14 - Correlação entre o VAB em 1977 e o índice de importância futebolística por concelhos

Nota: Os concelhos correspondem ao número de ordem que se apresenta no quadro anexo.

exemplos (a população activa destes concelhos é largamente dominada pelo sector primário - 59,9%, 41,1% e 60,9%, respectivamente, valores que contrastam com os valores médio do Continente - 19,7%).

Outra abordagem que importava aprofundar, fundamenta-se nas controversas relações existentes entre o poder do futebol e o poder que este permite atingir ou acaba por legitimar. Na verdade, dinâmicas futebolísticas com alguma intensidade só encontram explicação no protagonismo de alguns actores locais, cuja visibilidade é indissociável da actividade futebolística. Nalguns casos, o futebol e a política encontram-se ligados, já que determinados clubes são dependentes de algumas figuras que se movimentam na esfera política local: casos há em que a actividade futebolística constituiu o trampolim para a transferência do presidente do clube para presidente do referido órgão da Administração Local, enquanto noutros, o Presidente da Câmara encontra no futebol a extensão da sua base social de apoio.

Outra situação prende-se com a presença de empresários - em geral, industriais - na estrutura futebolística do clube local, já que este envolvimento encerra estratégias de promoção e mediatização individual e de controlo social. O papel crescente que os industriais atribuem a estas causas está testemunhado à escala internacional - bastando citar os exemplos de Bernard Tapie/Olympique de Marseille, a Família Agnelli (Grupo Fiat)/Juventus, Berlusconi/A. C. Milão -, podendo ser reproduzido, também, tanto à escala nacional como local. O futebol transformou-se, nas sociedades modernas, num veículo de comunicação privilegiado para as empresas e respectivos empresários que desejam, deste modo, conquistar outros mercados, melhorar a sua imagem ou conquistar notoriedade social, utilizando-a como um meio de afirmação não apenas colectiva mas também individual.

BIBLIOGRAFIA

- Monografias, Revistas e Artigos**
- BAILLY, A. e BÉGUIN, H. (1982) - *Introduction à la Géographie Humaine*, Paris, Masson.
- BALE, John (1981) - "Geography, Sport and Geographical Education", *Geography*, 292, 66, 2.
- BALE, John (1984) - "A adopção do futebol na Europa: uma perspectiva histórico-geográfica", *Futebol em Revista*, 8, pp. 53-57.
- BATISTA, João S. e PIRES, Rui Pena (1989) - "O desporto nas sociedades modernas", *Sociologia Problemas e Práticas*, 6, pp. 11-21.
- BENACH, Joan Antón (1974) - "Desporto e Classes Sociais", *Col. Cultura e Desporto*, 12.
- BOLETIM DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL (1964), 10, Lisboa, pp. 3-4.
- BROWN, Lawrence A. (1981) - *Innovation. Diffusion. A New Perspective*, Methuen, New York.
- FARIA, Fernando (1969) - *Golo! Mini História do Futebol Português*, Lisboa.
- FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL (1964) - "A História do Futebol Português", *Boletim da Federação Portuguesa de Futebol*, Lisboa.
- GAMA, António (1988) - "Notas para uma Geografia do Tempolivre", *Cadernos de Geografia*, 7.
- GASPAR, Jorge (1971) - "Aspectos geográficos do Andebol em Portugal", *Brotéria*, Lisboa, Separata 19 p.
- GASPAR, Jorge (1987) - *Ocupação e Organização do Espaço Tendências e Retrospectiva*, I, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- GASPAR, Jorge e HONÓRIO, Fernando *et al.* (1982) - "Transformações recentes na Geografia do Futebol em Portugal", *Finisterra*, XVII, Lisboa, p. 301-324.
- GUEDES, Rui (1987) - *Sport Lisboa e Benfica. Fotobiografia*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- GUINDANI, S. e BASSAND, M. (1982) - *Maldéveloppement Régional et Identité*, Presses Polytechniques Romandes, Lausanne.
- LAVAL, Kurt (1984) - "Futebol, Técnica e Tática", *Col. Cultura e Desporto*, 4.
- LEFÈBVRE, Henri (1968) - *La vie quotidienne dans le monde moderne*, Gallimard.
- LÜSCHEN, Günther (1986) - *Estatuto, cristalização de classes e integração social no Desporto*. Col. Desporto e Sociedade, 14, MEC-DGD, Lisboa.
- MATTOSSO, José (1989) - *A identificação de um País*, Estampa, Lisboa.
- MCINTOSH, P.C. (1974) - "Atitudes para com o Desporto no século XX", *Col. Cultura e Desporto*, 6.
- MORRIS, Desmond (1981) - *A Tribo do Futebol*, Publicações Europa América.
- ROONEY, John F. (1978) - "Up from the Mines and out from the Prairies: some geographical Implications of Football in the United States", *An Invitation to Geography*, McGraw-Hill, Inc.
- ROOYER, Jacques (1974) - *Significação Humana do Desporto*, Col. Cultura e Desporto, 10.
- SÉRGIO, Manuel (1981) - "O Texto no Contexto", *Col. Cultura e Desporto*, 16.
- SILVA, Rui *et al.* (1974) - "Valor Social do Futebol", *Col. Cultura e Desporto*, 15.
- STRANAI, K. (1974) - "O Trabalho e a Educação Física", *Col. Cultura e Desporto*, 19.
- UNESCO (1974) - "Manifesto Sobre o Desporto", *Col. Cultura e Desporto*, 1.
- Outras fontes**
- Relatório e Contas da F.P.F., Épocas 1979/80 a 1988/89
- Relatório e Contas da Direcção da Associação de Futebol de Castelo Branco, Épocas 1979/80 a 1988/89
- Relatório e Contas da Direcção da Associação de Futebol de Coimbra e Parecer Fiscal, Época 1979/80
- Relatório e Contas da Direcção da Associação de Futebol de Leiria e Parecer do Conselho Fiscal, Épocas 1979/80 a 1988/89
- Relatório e Contas da Direcção da Associação de Futebol de Viseu e Parecer Fiscal, Épocas 1979/80 a 1988/89
- Imprensa Escrita:
- Cadernos de "A Bola", nºs 5 a 17
 - "Diário de Aveiro", 1985 a 1989
 - "Correio do Vouga", 1979 a 1987
 - "Jornal da Bairrada", 1985 a 1987
 - "Jornal do Fundão", 1979 a 1989
 - "Diário de Coimbra", 1979 a 1989
 - "A Guarda", 1982 a 1989
 - "Notícias da Covilhã", 1979 a 1982
 - "Região de Leiria", 1979 a 1989
 - "Jornal de Viseu", 1984 a 1989

Anexo - Importância do futebol nos concelhos da Região Centro, na década de 80.

Nº Ordem	Concelhos Nome	Campeonato Nacional						Campeonato Distrital						Índice de Importância Futebolística		
		Nº de clubes	Nº de partic.	Divisão			Nº de clubes	Nº de partic.	Divisão			Nac.	Distr.	Total		
				I	II	III			I	II	III					
1	Águeda	2	11	1	8	2	9	80	37	29	14	33	154	253		
2	Alb.-a-Velha	1	6	0	0	6	3	17	4	4	9	6	25	43		
3	Anadia	1	10	0	2	8	16	133	19	51	63	14	171	213		
4	Oliv. Bairro	1	10	0	6	4	7	49	11	27	11	22	71	137		
5	Sever do Vouga	1	2	0	0	2	7	38	6	6	26	2	50	56		
6	Aveiro	2	13	2	8	3	10	66	7	26	33	41	80	203		
7	Estarreja	2	10	0	5	5	2	10	10	0	0	20	30	90		
8	Ilhavo	0	0	0	0	0	7	52	10	20	22	0	72	72		
9	Murtosa	0	0	0	0	0	2	11	3	3	5	0	17	17		
10	Ovar	2	14	0	0	14	5	22	14	5	3	14	50	92		
11	Vagos	0	0	0	0	0	6	45	15	13	17	0	75	75		
12	Cantanhede	4	14	0	2	12	17	105	23	27	55	18	151	205		
13	Coimbra	5	24	5	13	6	30	223	52	79	92	80	327	567		
14	Condeixa-a-Nova	0	0	0	0	0	5	33	0	4	29	0	33	33		
15	Mealhada	2	12	0	2	10	13	78	16	34	28	16	110	158		
16	Penacova	0	0	0	0	0	9	70	5	22	43	0	80	80		
17	Figueira da Foz	2	12	0	2	10	16	121	21	50	50	16	163	211		
18	Mira	0	0	0	0	0	3	27	14	6	7	0	55	55		
19	Mont.-o-Velho	1	1	0	0	1	11	84	12	31	41	1	108	111		
20	Soure	1	2	0	0	2	7	56	13	15	28	2	82	88		
21	Batalha	1	1	0	0	1	3	10	1	9	0	1	12	15		
22	Leiria	3	17	2	8	7	44	334	78	256	0	45	490	625		
23	Mar. Grande	3	18	0	4	14	13	73	33	40	0	26	139	217		
24	Pombal	2	9	0	0	9	17	125	21	104	0	9	167	194		
25	Porto de Mós	1	6	0	2	4	8	62	21	41	0	10	104	134		
26	Arganil	1	1	0	0	1	4	20	6	10	4	1	32	35		
27	Góis	0	0	0	0	0	1	6	0	1	5	0	6	6		
28	Pampilhosa Serra	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
29	Tábua	1	2	0	0	2	2	18	8	4	6	2	34	40		
30	Belmonte	2	4	0	0	4	2	16	12	4	0	4	40	52		
31	Covilhã	4	15	2	8	5	13	72	50	22	0	43	172	301		
32	Fundão	1	2	0	0	2	4	25	20	5	0	2	65	71		
33	Alvaiázere	1	2	0	0	2	2	15	8	7	0	2	31	37		
34	Ansião	0	0	0	0	0	4	35	14	21	0	0	63	63		
35	Cast. de Pêra	0	0	0	0	0	1	10	4	6	0	0	18	18		
36	Fig. dos Vinhos	0	0	0	0	0	1	10	7	3	0	0	24	24		
37	Pedrógão Grande	0	0	0	0	0	2	10	0	10	0	0	10	10		
38	Guarda	1	10	0	5	5	10	41	8	33	0	20	57	117		
39	Manteigas	0	0	0	0	0	1	10	6	4	0	0	22	22		
40	Sabugal	0	0	0	0	0	1	10	10	0	0	0	30	30		
41	Lousã	1	6	0	1	5	5	18	4	3	11	8	26	50		
42	Miranda do Corvo	1	3	0	0	3	3	21	4	5	12	3	29	38		
43	Penela	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
44	V. N. Poiares	1	5	0	0	5	1	5	3	1	1	5	11	26		
45	Almeida	1	1	0	0	1	3	25	14	11	0	1	53	56		
46	F. C. Rodrigo	0	0	0	0	0	1	10	10	0	0	0	30	30		
47	Pinhel	0	0	0	0	0	5	27	8	19	0	0	43	43		
48	Carregal do Sal	0	0	0	0	0	4	35	11	11	13	0	57	57		
49	Mortágua	1	1	0	0	1	2	19	12	5	2	1	43	46		
50	S. C. Dão	1	6	0	0	6	6	31	8	6	17	6	47	65		
51	Tondela	1	8	0	0	8	12	60	10	19	31	8	80	104		
52	Oliv. Frades	1	1	0	0	1	3	17	8	1	8	1	33	36		
53	S. Pedro do Sul	0	0	0	0	0	7	38	11	11	16	0	60	60		
54	Vouzela	0	0	0	0	0	5	36	12	7	17	0	60	60		
55	Fornos Algodres	1	2	0	0	2	4	30	11	19	0	2	52	58		
56	Gouveia	2	9	0	0	9	6	39	14	25	0	9	67	94		
57	O. Hospital	1	4	0	0	4	11	65	10	10	45	4	85	97		
58	Seia	2	9	0	0	9	15	104	31	73	0	9	166	193		
59	Aguiar da Beira	0	0	0	0	0	1	4	0	4	0	0	4	4		
60	Celorico da Beira	0	0	0	0	0	3	18	10	8	0	0	38	38		
61	Meda	0	0	0	0	0	2	16	10	6	0	0	36	36		
62	Trancoso	0	0	0	0	0	1	10	10	0	0	0	30	30		
63	Castro Daire	0	0	0	0	0	5	30	8	11	11	0	46	46		
64	Mangualde	1	10	0	6	4	6	21	8	6	7	22	37	103		
65	Nelas	0	0	0	0	0	5	42	19	4	19	0	80	80		
66	Pen. Castelo	1	6	0	0	6	2	12	4	4	4	6	20	38		
67	Sátão	0	0	0	0	0	4	23	1	18	4	0	25	25		
68	V. N. Paiva	0	0	0	0	0	2	16	5	3	8	0	26	26		
69	Viseu	4	27	3	8	16	10	54	15	20	19	61	84	267		
70	Oleiros	0	0	0	0	0	2	13	7	6	0	0	27	27		
71	Proença-a-Nova	0	0	0	0	0	1	8	5	3	0	0	18	18		
72	Sertã	1	1	0	0	1	2	19	19	0	0	1	57	60		
73	Vila de Rei	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
74	Cast. Branco	3	19	0	5	14	8	38	24	14	0	29	86	173		
75	Idanha-a-Nova	0	0	0	0	0	2	12	10	2	0	0	32	32		
76	Penamacor	0	0	0	0	0	2	5	1	4	0	0	7	7		
77	V. V. Ródão	0	0	0	0	0	2	10	6	4	0	0	22	22		